

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

CÍNTIA REGGIANE CORDEIRO DE ALMEIDA

**A IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO A PARTIR DE
UM ESTUDO NO JORNAL O IMPARCIAL**

São Luís
2019

CÍNTIA REGGIANE CORDEIRO DE ALMEIDA

**A IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO A PARTIR DE
UM ESTUDO NO JORNAL O IMPARCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Georgete Lopes Freitas.

São Luís

2019

CÍNTIA REGGIANE CORDEIRO DE ALMEIDA

**A IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO A PARTIR DE
UM ESTUDO NO JORNAL O IMPARCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Georgete Lopes Freitas (Orientadora)
Doutora em Ciências da Educação
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Cenivalva Miranda de Sousa Teixeira
Doutora em Engenharia Elétrica
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Raimunda Ramos Marinho
Mestre em Biblioteconomia
Universidade Federal do Maranhão

Almeida, Cíntia Reggiane Cordeiro de.

A Imagem Fotográfica como Fonte de Informação a Partir de um Estudo no Jornal O Imparcial / Cíntia Reggiane Cordeiro de Almeida. - 2019.

59 p.

Orientador(a): Georgete Lopes Freitas.

Monografia (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

1. Fontes de Informação. 2. Fotografia. 3. Jornal O Imparcial. I. Freitas, Georgete Lopes. II. Título.

“A fotografia é extensão da nossa capacidade de olhar e constitui uma técnica de representação da realidade que, pelo seu rigor e particularismo, se expressa através de uma linguagem própria e inconfundível”.

(GURAN, 1999)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a DEUS, por ter me dado dons e tudo mais o suficiente para que eu pudesse chegar a este estágio. Sei que “Tudo posso naquele que me fortalece.”.

À Universidade Federal do Maranhão que contribuiu para a ampliação dos meus conhecimentos, possibilitou uma vivência no campo acadêmico e engradeceu como ser capaz de executar atribuições inerentes à formação a qual escolhi.

A todos os professores do Departamento de Biblioteconomia, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento dessa monografia.

A Prof.^a Dr.^a Georgete Lopes Freitas pela sua disponibilidade e paciência na orientação desta monografia, passando seus conhecimentos que, certamente, me ajudaram muito.

A Prof.^a Dr.^a Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira pela oportunidade ímpar de sempre contar com seu incentivo, sua gentileza e sua positividade.

A Prof.^a Raimunda Ramos Marinho por seus ensinamentos. É um prazer tê-la na banca examinadora.

Aos meus colegas do curso Alessandra, Ana Cláudia, Djalda, Edjael, Edna, Evandro, Fransclean, Fernanda, Jeovana, Josiclea, Liziane, Maira, Maysa, Micael, Nathália, Neuzilene, Rosa Mary, Rosiane e Vanessa que tive o prazer de conhecer e compartilhar emoções e confraternizações.

A toda a equipe do jornal O Imparcial, por ter permitido estagiar por dois anos e em especial agradeço ao senhor Raimundo Borges, diretor da redação, pela sua contribuição para a realização dessa pesquisa, ao senhor Célio Sérgio, coordenador da redação, por ter dado autorização de acesso e utilização do arquivo da empresa.

Aos meus pais José Raimundo Marques de Almeida e Rosineide Cordeiro de Almeida, a minha irmã Ana Michelle Cordeiro de Almeida e meu tio Benedito de Jesus Cordeiro de Almeida a quem devo parte do que tenho e do que sou, agradeço a dedicação e amor recebidos sempre.

Ao meu namorado Paulo de Tarso Dias Caldas pelo companheirismo, compreensão e amor.

Enfim, a todos aqueles que colaboraram direta ou indiretamente para que este trabalho acontecesse. Àqueles que acreditaram em mim, muito obrigada!

RESUMO

A fotografia como fonte de informação, geradora de conhecimento e como um insumo para o processo de comunicação. Evidencia a importância dos registros fotográficos ao longo da história, como estão presentes na atualidade, nas diversas áreas do conhecimento do cotidiano social. Tem por objetivo apresentar a importância das fotografias como fontes de informação histórica, a partir de um estudo no jornal O Imparcial. Trabalha com os conceitos de fotografia, com base nas teorias da Ciência da Informação e Biblioteconomia, onde a informação pode ser concebida através de fotografias. Mostra o quanto as fotografias podem servir de informação e auxiliar na recuperação da memória do passado. A metodologia utilizada foi à pesquisa documental elaborada a partir de material publicado, constituído principalmente por livros, artigos de periódicos e materiais disponibilizado na internet e de campo com visita ao acervo fotográfico do jornal. Foram selecionadas 09 (nove) fotografias do acervo do jornal O Imparcial de São Luís, Maranhão e optamos como material de análise as imagens fotográficas dos anos 1960 a 1980 que foram publicadas na coluna “Retrato da História”. Conclui-se que a fotografia é uma importante fonte de informação que traz a memória de diferentes povos e locais.

Palavras-chave: Fotografia. Fontes de Informação. Jornal O Imparcial. São Luís – Maranhão.

ABSTRACT

Photography as a source of information, generating knowledge and as an input to the communication process. It evidences the importance of photographic records throughout history, as they are present today, in the various areas of everyday social knowledge. It aims to present the importance of photographs as sources of historical information, based on a study in the newspaper O Imparcial. It works with the concepts of photography, based on theories of Information Science and Librarianship, where information can be conceived through photographs. It shows how photos can serve as information and help in the recovery of the memory of the past. The methodology used was documentary research based on published material, consisting mainly of books, periodicals and materials made available on the internet and in the field with a visit to the photographic collection of the newspaper. We selected 09 (nine) photographs of the collection of the newspaper O Imparcial de São Luís, Maranhão and opted as an analysis material the photographic images of the years 1960 to 1980 that form published in the column "Portrait of History". We conclude that photography is an important source of information that brings the memory of different peoples and places.

Keywords: Photography. Information sources. The Impartial Journal. São Luís - Maranhão.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Linotipo – 1960	42
Fotografia 2 - Abrigo da Praça João Lisboa – 1972	43
Fotografia 3 - Avenida Beira Mar – 1972	44
Fotografia 4 - RFFSA – Estação João Pessoa – 1974	45
Fotografia 5 - Hotel Central – 1975	46
Fotografia 6 - Praia da Areinha – 1975	47
Fotografia 7 - Busto de Maria Firmina do Reis na Praça Deodoro – 1976	48
Fotografia 8 - Rampa Campos Melo – 1984	49
Fotografia 9 - Palácio Cristo Rei - 1986.....	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FONTES DE INFORMAÇÃO	14
3 A FOTOGRAFIA COMO REGISTRO DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS	17
3.1 Aspectos Históricos	23
3.2 Fontes de Informação e Memória	24
3.3 Fotografia Digital	27
3.4 Documento Fotográfico	31
3.5 Fotojornalismo	33
4 JORNAL O IMPARCIAL	36
5 METODOLOGIA	39
6 DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	41
7 CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos, o homem utilizou a imagem como forma de representar a percepção do mundo que vive ou como forma de guardar e/ou disponibilizar conhecimentos que seriam úteis para as gerações futuras. As gravuras feitas em áreas rochosas de cavernas no período da pré-história podem ser vistas como as primeiras tentativas de se representar o cotidiano através de imagens, buscando preservar e perpetuar, valores, crenças e bem como transmitir informações ou acontecimentos.

A informação é a transferência de mensagens que apresentam uma relevância comum entre o emissor (quem produz a mensagem) e um sujeito (quem recebe a mensagem), por meio de um suporte tecnológico que faz a sua mediação. Toda informação é dotada de consciência, objetivo e finalidade ao ser transmitida do emissor para o interlocutor. Ela é uma ferramenta formadora de conhecimento, existente nos meios de comunicação e no dia-a-dia das pessoas, está presente em artigos, livros, revistas, jornais e propagandas.

A sociedade está em constante transformação, onde a informação impressa convive com a informação digital e redes de informação. Essa difusão de informação é uma área que os profissionais da informação¹ não podem ignorar e é oportunidade de serviços e ações por meio de diferentes suportes da informação.

No decorrer do desenvolvimento histórico da sociedade é possível perceber que a fotografia representa pedaço da realidade, o que representa um passado, é a testemunha de fatos e acontecimentos através do olhar do fotógrafo. A ação de fotografar é uma atividade que deve ser desenvolvida combinando: reflexão (contextualização e pesquisa), apreciação (interpretação das imagens) e produção (tirar fotos). A fotografia promove a interdisciplinaridade no uso das imagens em diversos temas.

Frente aos fatores supracitados, este trabalho tem como objetivo geral apresentar a importância das fotografias como fontes de informação histórica, a partir de um estudo no acervo fotográfico do jornal O Imparcial. Seus objetivos específicos são:

- a) apresentar conceitos e história da fotografia e sua abordagem na área da Ciência da Informação e da Biblioteconomia;
- b) descrever a imagem fotográfica como fontes de informação e o seu papel no registro da memória coletiva;

¹ Pode-se considerar como profissionais da informação todos aqueles que estão trabalhando cujas atividades (e principal objetivo profissional) envolvem o processamento, armazenagem e utilização da informação. Neste particular, estão incluídos os bibliotecários, documentalistas, bibliógrafos, arquivistas, cientistas da informação, pessoal envolvido com jornalismo e editoração e, ainda, os envolvidos com o gerenciamento da informação.

- c) apresentar um recorte da memória da sociedade ludovicense a partir de fotografias disponíveis no jornal O Imparcial.

Selecionou-se o jornal O Imparcial para trabalhar pelo fato de conter uma coluna chamada “Retrato da História” onde apresenta por meio da fotografia um marco histórico da cidade de São Luís. Além disso, ele contém uma diversidade de textos com tipologias e gêneros discursivos que esse suporte traz, como: notícias, reportagens, entrevistas, notas, artigos de opinião, editorial, propagandas, carta do leitor, *charge*, *cartoom* e outros, distribuídos em textos informativos e opinativos que são fonte de informação e despertam o interesse do leitor por apresentarem fatos novos ocorridos na sociedade em todos os seus segmentos.

Para analisar a fotografia como fonte de informação, foi preciso realizar uma pesquisa documental e de campo, a fim de delimitar formas distintas do seu uso, no caso, foram selecionadas 9 (nove) fotografias do acervo fotográfico do jornal O Imparcial de São Luís, Maranhão e escolheu-se como material de análise imagens fotográficas dos anos de 1960 a 1980 que foram utilizadas para a coluna “Retrato da História”, as quais obtiveram o maior número de acesso e curtidas nas redes sociais Instagram e Facebook.

Esta pesquisa possui pertinência, pois analisa a fotografia como fonte de informação, formadora de conhecimento, um recurso que permite representar as ações por meio das imagens e como um elemento para o processo de comunicação. Ressalta a importância dos registros fotográficos no decorrer da história, como estão presentes na atualidade, nas diversas áreas do conhecimento do cotidiano global.

O trabalho motivou-se se pelo fato de que se vive na era da informação digital e que a análise do suporte de comunicação, no caso a fotografia, pode ser visto como uma forma de transmissão de conhecimento, de preservação da história, onde se buscou evidenciar a influência dos registros fotográficos históricos para a constituição da cidade de São Luís. Assim, com a análise da fotografia dada a uma realidade específica pretende-se contextualizar de que forma esta fotografia se manifesta como fontes de informação.

Para fundamentar a discussão sobre a fotografia como fonte de informação, como uma parte da realidade, um elemento do passado, em que a decisão de registro e de fixação de certo dado optou-se por levantar as diversas questões contidas na fotografia e sua contextualização, perceber os conteúdos implícitos e os motivos para o seu registro. Da mesma forma que, ao descobrir sua autoria, pode-se descobrir a visão de mundo do autor, permitindo uma leitura crítica. É neste contexto de fotografia como fontes de informação e resgate da memória, com base na bibliografia referente ao tema e da análise das fotografias

selecionadas e evidencia-se a relevância da fotografia como fonte de informação histórica e social.

Com base nos referenciais acima, esse trabalho possui a seguinte estrutura:

No Capítulo, intitulado, Fontes de Informação, discorreremos sobre o que são fontes de informação, e qual a sua função e importância para a área da Ciência da Informação.

No Capítulo – A fotografia como registro na construção de sentidos, buscamos situar os principais conceitos, os aspectos históricos, aprofundando os conceitos de fontes de informação e memória. Buscamos tratar, também, a fotografia digital, o documento fotográfico e o fotojornalismo como alguns aspectos importantes para contextualizar esse trabalho.

No Capítulo – Jornal O Imparcial – mostramos um recorde da história do jornal O Imparcial.

No Capítulo, Metodologia, discorreremos sobre os procedimentos utilizados para o desenvolvimento dessa pesquisa.

No Capítulo, Descrição do *corpus* da pesquisa, é apresentado as técnicas e os métodos utilizados na execução da pesquisa.

2 FONTES DE INFORMAÇÃO

A informação está relacionada à comunicação para a produção do conhecimento e está presente no cotidiano das pessoas, pois todos a utilizam, a absorvem, a assimilam, a questionam, a manipulam, a produzem e a transmitem o tempo todo. Quando se pensa em fontes de informação, estas estão sempre ligadas a uma necessidade de informação que varia de usuário para usuário e para supri-la existem fontes específicas a serem utilizadas.

Podem apresentar-se nas mais diversas formas: oral, escrita, por símbolos e signos e por meio de imagens, que se incluem gravuras, desenhos e fotografias. Em todos esses meios à informação está presente, podendo criar conhecimento, seja ele explícito ou tácito. Sendo conhecimento explícito aquele que é claro, verbalizado, fácil de manipular e transmitir. É o conhecimento que está registrado em livros, revistas, artigos, documentos de um modo geral (RUSSO, 2010). O conhecimento tácito pode ser compreendido como o conhecimento pessoal, subtendido na mente das pessoas, é acumulado em função da experiência que cada uma adquiriu ao longo da vida (RUSSO, 2010).

O termo “fonte” é definido por Ferreira (1986, p.797) como “[...] aquilo que se origina ou produz; origem, causa, [...] procedência, proveniência [...] [ou ainda] [...] qualquer pessoa, documento, organismo ou instituição que transmite informações [...]”. Isto quer dizer que as fontes são a origem de toda informação e do conhecimento, pois mencionam algo que esteja sendo investigado.

O estudo de fontes de informação é um dos requisitos nos Cursos de Biblioteconomia uma vez que determina o segmento da área, quando se trabalha com a informação registrada em qualquer suporte. De acordo com Arruda (2002, p.99), as “[...] fontes de informação designam todos os tipos de meios (suportes) que contêm informações suscetíveis de serem comunicadas.”. Para compreender um pouco melhor seu significado, se recorre a outros autores, como Villasenõr Rodriguez (1998, p.29) ao declarar que as fontes de informação são como “[...] instrumentos de trabalho de uso indispensável para poder alcançar a informação que pesquisadores e usuários de bibliotecas e centros de documentação precisam.”.

Pode-se dizer que não só estes, mas toda e qualquer pessoa que faz uso das fontes de informação na sua vida cotidiana seja para estudos ou trabalho. Entretanto o autor citado aponta sua afirmação para o ambiente das bibliotecas e centros de informações e deixa claro que as fontes informacionais são imprescindíveis para a recuperação da informação.

Com a facilidade de acesso à informação e à busca por conhecimento é fator fundamental no desenvolvimento de áreas e setores que realizem trabalhos para disseminar a

informação em qualquer suporte e armazenamento por meio de critérios de classificação entre outras atividades desempenhadas por bibliotecários.

Dessa forma o papel de um bibliotecário ou profissional que lida, diariamente, com ambientes informacionais é tentar se “aproximar” ao máximo do que tem em mãos. Todavia, quando se trata de análise documentária, não é tarefa fácil – e, de fato, não é – a partir do momento em que o olhar mais atento é condição imprescindível e ultrapassa a acepção de documentação como técnica, para inseri-la em um quadro mais amplo de produção e consumo e da cultura da informação.

O contexto de produção e consumo de informação é determinado histórica e socialmente, além de sofrer transformações de acordo com as mudanças culturais. A observação e avaliação documental são vistas de uma maneira diferente se comparados ao modo como trataríamos uma imagem e todas as informações técnicas e de interpretação nela contidas.

As transformações remetem à maior produção de conhecimento caracterizando a explosão bibliográfica, que de acordo com Muller (2000, p.21):

[...] fenômeno comum a todas as áreas do conhecimento e talvez a característica mais visível das literaturas científicas, pode ser definida como a quantidade crescente de documentos científicos produzidos e a rapidez com que esse número aumenta. Esse fenômeno não é novo, pois vem ocorrendo de maneira exponencial desde o estabelecimento da ciência moderna e da publicação dos primeiros periódicos, no fim do século XVII.

Entende-se que fontes de informação são os meios utilizados para equacionar problemas informacionais estabelecidos pelo esforço de converter as necessidades em resultados práticos por meio das diversas formas de conhecimento. Elas devem apresentar informações ou novas interpretações de ideias que são públicas, como as informações apresentadas em periódicos, livros, jornais, dissertações, teses e fotografias (DIAS; PIRES, 2005). Segundo Lakatos e Marconi (1992) as fontes de informação podem ser fontes primárias, secundárias e terciárias, e possuem funções diferentes.

As fontes primárias “[...] são os documentos de pesquisa documental provenientes dos próprios órgãos que realizaram a observação.” (LAKATOS; MARCONI 1992, p. 43). As fontes de informação secundárias são “[...] provenientes de pesquisas realizadas e um levantamento de toda a bibliografia levantada.” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 43). Têm como objetivo relatar as pesquisas oriundas das fontes de informações primárias.

Bernardo, Nobre e Jatene (2004, p. 105), em um texto relacionado às fontes de informação da área de saúde, complementam o conceito de fonte primária dizendo que estas “[...] disponibilizam os trabalhos originais, cabendo ao leitor o ônus de selecionar e analisar

criticamente a validade de seus resultados.”. Isso quer dizer que nem toda fonte é considerada confiável, nem mesmo as primárias que são a fonte original, como um documento, uma pessoa ou uma fotografia. É essencial lembrar que, apesar de um documento, uma pessoa ou uma fotografia serem fontes originais, não equivale a dizer que isso ateste a autenticidade de suas informações, visto que sempre expressarão ideias, pensamentos e opiniões pessoais ou de um grupo.

As fontes secundárias são destacadas por Mueller (2007, p.31) por terem:

[...] função de facilitar o uso do conhecimento disperso nas fontes primárias. As fontes secundárias apresentam a informação filtrada e organizada de acordo com um arranjo definido, dependendo de sua finalidade. São representadas, por exemplo, pelas enciclopédias, dicionários, manuais, tabelas, revisões da literatura, tratados, certas monografias e livros-texto, anuários e outras.

As fontes secundárias são como elo entre a fonte primária e a pessoa que necessita da informação. Guinchat e Menou (1994) classificam este tipo de fonte como “documentos secundários” ou de “segunda mão”, por não conterem informações originais, mas sim repetindo-as e/ou organizando-as.

As fontes de informação terciárias podem ser compreendidas como uma coleção das fontes de informação primárias e secundárias, proporcionando ao usuário uma versão rápida e resumida da informação que ele procura. Também é definida como sendo “[...] aquelas que têm a função de guiar o usuário para as fontes primárias e secundárias. São as bibliografias, os serviços de indexação e resumos, os catálogos coletivos, os guias de literatura, os diretórios e outras [...]” (MUELLER, 2007, p. 31).

Para Dias e Pires (2005), baseado nessa descrição, é possível constatar que as fontes de informação são, primeiramente, classificadas pela sua natureza (primária, secundária ou terciária) para depois então serem subdivididas em tipos, como institucionais, bibliográficas e pessoais. Além dos tipos, existem ainda os suportes, que frequentemente são confundidos. Muitas vezes, nem mesmo os autores da área da Ciência da Informação chegam a um consenso sobre esse assunto. Sendo assim, as informações são divergentes quando se tenta classificar os tipos de fontes de informação.

No entanto, apesar de tais divergências, foi possível agrupar informações e atingir o seguinte resultado: tipos de fontes de informação são melhores de demonstrar por meio de exemplos. Diante do que foi exposto, podemos exemplificar: podem ser organizações que fornecem informações sobre si mesmas ou seus serviços e produtos; assim sendo, são chamadas fontes institucionais; podem ser pessoas que transmitem informações conquistadas ao longo da vida, tanto acadêmicas, quanto pessoal e profissionais; estas são chamadas fontes

personais; enfim os próprios materiais impressos, livros, revistas, são intitulados fontes bibliográficas ou documentais ou publicadas no referente a tornarem-se públicas. Os suportes são as formas pelas quais a informação chega ao interessado, podem apresentar-se na forma de um livro, um periódico, um resumo, um guia, um filme, uma foto, etc.

O acesso a essas formas variadas de informação pode ser encontrado nas Unidades Informacionais ou Organizações e Campello (2007) considera que as organizações constituem importantes fontes de informação. O acesso às informações de uma organização pode se dar por meio dos indivíduos a ela ligados ou dos documentos que gera.

Para ter o acesso aos documentos de uma organização, Campello (2007, p.38) ressalta que “[...] pode-se viabilizar permutas, doações ou aquisições de materiais da própria organização ou utilizar-se de seus recursos bibliográficos, através do empréstimo entre bibliotecas.”.

Uma excelente fonte de informação são as “[...] universidades, centros ou institutos de pesquisa, bibliotecas, arquivos, museus, academias e jornais [...], pois produzem um grande volume de documentos técnicos em suas especialidades.”. (CAMPELLO, 2007, p. 40).

Lakatos e Marconi (1992) ainda ressalvam que nas fontes de informação primárias podem-se incluir fontes não escritas como fotografias, gravações, impressa e falada, desenhos, pinturas, canções, indumentárias, objetos de arte e folclore.

Inseridas no contexto das fontes de informação primárias, salientam-se as iconográficas, mais especificamente, as fotografias, que são o foco deste trabalho.

Segundo Peixoto (2006, p.16):

A fotografia, desde o seu advento, cada vez mais tem sido fonte de informação ilustradora da história dos povos, dos costumes, dos acontecimentos, das descobertas e de tantas outras coisas, registradas em simples fotos de família, passando pela chegada do homem a lua e as tempestades captadas por câmeras de satélites chegando a construir verdadeiros mapas da superfície terrestre. Poderia-se citar páginas a fio a infinidade de momentos eternizados através do clique dos obturadores² capturando feixes de luz.

Kossoy (1989, p.29) destaca que toda fotografia é um fragmento do passado, tem atrás de si uma história, captada em um tempo e espaço específicos, sendo o registro visual ponto de partida para análises iconográficas e interpretativas.

O autor acrescenta ainda que “[...] toda fotografia é resíduo do passado. Um artefato que contém em si um quadro determinado da realidade registrado fotograficamente.” (KOSSOY, 1989, p.29).

²Dispositivo da câmara fotográfica que abre e fecha permitindo a entrada de luz na câmara fotográfica capturando a luz refletida pelo objeto (ROSE, 1998).

Sendo a fotografia um fragmento do passado que possui o caráter de fonte informação, geradora de conhecimento, construção social e documento. Segundo Jardim (1995), documentos são como materiais da memória coletiva, diferenciando-os em função de sua característica. A fotografia é um fragmento de memória que, de acordo com Jardim (1995, p.2) “é subjetiva, um guia para o passado, transmissor de experiência, simultaneamente seguro e dúbio, sendo assim, a fotografia é produto de um contexto.”.

No Quadro 1, pode-se verificar de forma sumarizada outros conceitos sobre fontes de informação encontradas no levantamento bibliográfico.

Quadro 1 - Sumarização conceitual de uso das fontes de informação

AUTORES	QUESTÕES PRINCIPAIS
Davenport (2000)	As fontes de um sistema informacional devem ser tão variadas e complexas quanto o ambiente que esse sistema busca representar
Sugahara e Jannuzzi (2005)	As fontes de informação para inovação tecnológica foram classificadas em internas e externas. As fontes de informação internas são informações oriundas dos departamentos de pesquisa e desenvolvimento e informações de outras áreas internas. As fontes externas estão divididas em: fontes ligadas às atividades de mercado, fontes de caráter profissional e fontes especializadas e institucionais.
Pereira e Barbosa (2007)	Categorizam as fontes de informação, conforme a origem, em relação ao relacionamento/proximidade e com relação à mídia.
Alvarenga Neto (2008)	Diante da complexidade e multiplicidade de fontes de informação, tanto interna, quanto externa, uma possível alternativa seria o mapeamento das fontes de informação corporativa.
Wensing (2010)	Fontes de informação passaram a ser sinônimo de recursos informacionais disponíveis no formato digital. Evolução das fontes de informação: pedra, papiro, papel, fotografias e microfilme, fitas magnéticas, fitas K7, discos flexíveis, fitas VHS, disquetes, discos rígidos (HD), Compact Disc (CD's), videolaser, DVD's e pen-drives.

Fonte: A Autora.

Neste quadro, as fontes de informação surgem como uma ferramenta que facilita a recuperação de informações para usuários inseridos em diferentes contextos.

Na seção seguinte vamos discorrer sobre a o sentido das fotografias e seus principais conceitos e funções.

3 A FOTOGRAFIA COMO REGISTRO DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

A fotografia não se restringe apenas ao registro de uma realidade naquele momento. De acordo com Canto (2003, p.41) “[...] é possível percebê-la como construtora de sentidos/conceitos.”. O autor citado ressalta que deve ser salientada a questão da interpretação da fotografia. A relação entre texto e imagem tenta relacionar quais significado as fotografias podem apresentar. De qualquer forma, não podemos nos esquecer de que hoje há diversos recursos para o tratamento de fotografias, e dessa forma, pode-se construir praticamente qualquer realidade. Existe uma crença generalizada de que uma imagem, pela sua suposta fidelidade ao real, tem apenas um significado comum a todos.

Para Schaeffer (1996), toda imagem pode se tornar “falante”, podendo funcionar como testemunho, a partir do momento em que se situa no campo de um conhecimento lateral adequado, capaz de encerrá-lo em suas redes.

Fazendo uma relação direta com a Biblioteconomia, Registro (2004, p. 3) explica, que:

[...] talvez o principal problema de trabalhar com fotografias em arquivos e bibliotecas, deva-se a dois fatores: a diversidade das suas técnicas, formatos e suportes para a sua guarda, consecução e tratamento; e o problema do conteúdo da imagem fotográfica [...]. A fotografia é crível em relação ao referente, atesta, portanto, a existência de uma realidade; mas ao mesmo tempo a fotografia é sempre interpretativa, porque deriva de uma escolha. Não se configura como um espelho da realidade e não guarda traços de total fidelidade a essa realidade. Na fotografia, a parcialidade é algo que está sempre presente no conteúdo da imagem.

As fotografias são um documento que, sem dúvida, fazem parte da história, fornecendo imagens e guardando determinados momentos, tornando-se um instrumento imprescindível com fontes de informação. Por esta razão, a informação contida nas fotografias deve ser localizada de forma imediata. Em decorrência do ambiente da Biblioteconomia, voltado para a rapidez na informação, as fotografias são percebidas de forma excessivamente imediatista.

Segundo Canto (2003, p.60):

O referente fotográfico é uma a coisa facultativamente real para que remete uma imagem ou um signo, mas a coisa necessariamente real que foi colocada diante da objetiva sem a qual não haveria fotografia. Na fotografia não posso negar que a coisa nunca esteve lá.

Ressalta-se que a fotografia registra momentos seja há séculos, décadas ou minutos, momentos que se localizam, no momento em que a imagem é vista, no passado. Por este ângulo, a fotografia é, certamente, um suporte para a memória.

Na perspectiva conceitual a fotografia “[...] é extensão da nossa capacidade de olhar e constitui uma técnica de representação da realidade que, pelo seu rigor e particularismo, se expressa através de uma linguagem própria e inconfundível.” (GURAN, 1999, p.15). Ela é uma forma de se ampliar o conhecimento.

Segundo Sontag (2007, p. 33):

Toda foto tem múltiplos significados; de fato, ver algo na forma de uma foto é enfrentar um objeto potencial de fascínio. A sabedoria suprema da imagem fotográfica é dizer: Aí está a superfície. Agora, imagine – ou, antes, sinta, intua – o que está além, o que deve ser a realidade, se ela tem este aspecto. Fotos, que em si mesmas nadam podem explicar, são convites inesgotáveis à dedução, à especulação e à fantasia.

A fotografia, assim como demais ilustrações, figuras, desenhos nas paredes de cavernas feitas por homens pré-históricos ou não, é uma a representação visual. Conforme Martine (1996, p. 43) a imagem possui semelhança “[...] porque ela não é a própria coisa; a sua função é, pois a de evocar, a de significar outra coisa que não ela própria, utilizando o processo da semelhança.”. Desta forma o registro fotográfico é considerado uma imagem. Rodrigues (2007, p.67) afirma que “[...] a fotografia é cópia de um referente, ou seja, de algo ou de alguém – pessoa, objeto, paisagem, animal, acontecimento etc. – reproduzido como imagem.”.

A fotografia, sendo então um tipo de imagem, possui algumas funções, como a Função Informativa citada por Martine (1996, p.67):

A função informativa (ou referencial), muitas vezes dominante na imagem, pode também amplificar-se numa função epistêmica, concedendo-lhe então a dimensão de instrumento de conhecimento. Instrumento de conhecimento porque fornece, com certeza, informações acerca dos objetos, lugares ou pessoas através de formas visuais tão diferentes como as ilustrações, as fotografias, os desenhos ou ainda os painéis.

O diferencial de uma imagem está na sua representação, no que ela pretende significar, uma vez que assim como a escrita, a imagem pode conter diferentes conotações. A fotografia, portanto, “[...] é um recurso que fornece informação, sendo que a informação deveria ser aquilo que leva a compreensão.” (WURMAN apud AGNER, 2009, p.115) e que possibilita a todos o acesso a um novo visível (ABREU, 2005). Ou seja, a fotografia é um instrumento que gera conhecimento e a sua construção ocorre quando se atribui à informação um contexto, um significado, uma interpretação; alguém refletiu sobre o conhecimento, acrescentou a ele sua própria sabedoria (DAVENPORT, 1998).

Para Guran (1999) a fotografia mostra a realidade de maneira própria e particular, assim como no cinema e no vídeo. Ela congela o tempo, a ação e um determinado local e

preserva aspectos que mudaram com o tempo, é uma forma de comunicação sem barreiras linguísticas ou geográficas.

Sontag (2007, p. 109) afirma: “Toda foto é um pedaço do mundo, significa que não sabemos como reagir a uma foto e antes de sabermos qual parte do mundo é aquela.”. Ainda segundo a autora, a fotografia também é representada como sinônimo de uma relação superficial com o passado, um instrumento de memória, conforme cita Sontag (2007). Teria o “poder”, inclusive, de fazer com que as fotos fossem consideradas apenas como uma invenção bem-vinda que permitisse satisfazer a um desejo imediato – registro familiar, nascimento de um filho ou o preenchimento de nossos álbuns pessoais. A referida autora dá como exemplo ainda um retrato emoldurado na parede, que desperta no observador a possibilidade de abrir janelas e memórias afetivas. Todavia, essa relação com a fotografia – enquanto possibilidade de um mero registro de fundo emocional – apresenta contornos mais complexos quando se trata de “ver” muito mais do que a singularidade que o tema remete.

Sontag (2007, p. 183) salienta que, a imagem pode transmitir diferentes informações, pois:

[...] numa era sobrecarregada de informação, a fotografia oferece um modo rápido de apreender algo e uma forma compacta de memorizá-lo. A foto é como uma citação ou uma máxima ou provérbio. Cada um de nós estoca na mente centenas de fotos, que podem ser recuperadas instantaneamente.

A fotografia é um recurso de comunicação e suporte de expressão da representação social (LIMA; SILVA, 2007) e está presente em várias áreas do conhecimento, como a Biblioteconomia, História entre muitas outras. Ela agrega valor histórico, pois registra de forma definitiva, em forma de registro visual, os acontecimentos e representa algo ou alguma coisa que não existe mais ou que poderá deixar de existir e

[...] sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória. A cena gravada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. As personagens retratadas envelhecem e morrem, os cenários se modificam se transfiguram e também desaparecem. (KOSSOY, 1980, p. 139).

Alves, Valério e Pigozzo (1998) afirmam que a fotografia muito raramente traz alguma informação escrita e, quando isso acontece, nem sempre é totalmente correta ou descreve o conteúdo geral da imagem. Daí é que se faz necessário pesquisar e voltar às perguntas que podem ser esclarecedoras para a descrição da origem do documento. Pergunta-se: quem fotografou? Quando? Onde? O que e/ou quem foi fotografado?

A fotografia é analisada não somente como técnica, ainda que esta também se encontre relacionada a determinadas descobertas que tiveram sua época e mentores (ou seja, inserida no tempo/espaço). Como objeto impresso perde muito da sua essência, da realidade a que

esteve inserida, podendo ser posteriormente reduzidas, ampliadas, recortadas, retocadas, adaptadas e adulteradas, além de caírem nas mãos do tempo e sofrerem com a ação inexorável do desgaste. Uma fotografia em papel “[...] se solta à deriva num passado flexível e abstrato, aberto a qualquer tipo de leitura.” (SONTAG, 2007, p. 86). É como se a foto gerasse um auxílio à realidade, como se o mundo, de acordo com Sontag (2007) fosse trazido lá de fora para dentro das fotos.

Ainda segundo a autora, a fotografia também é representada como sinônimo de uma relação superficial com o passado, um instrumento de memória. Conforme cita Sontag (2007) teria o “poder”, inclusive, de fazer com que as fotos fossem consideradas apenas como uma invenção bem-vinda que permitisse satisfazer a um desejo imediato – registro familiar, nascimento de um filho ou o preenchimento de nossos álbuns pessoais. A autora dá como exemplo ainda um retrato emoldurado na parede, que desperta no observador a possibilidade de abrir janelas e memórias afetivas. Todavia, essa relação com a fotografia – enquanto possibilidade de um mero registro de fundo emocional – apresenta contornos mais complexos quando se trata de “ver” muito mais do que a singularidade que o tema remete.

A partir de tal olhar de determinada “janela” para creditar o pertencimento de uma foto, Barthes (1984) retoma o modo como a fotografia transforma sujeito em objeto. O pesquisador amplia, portanto, a compreensão dos sistemas e significados que se repetem e estão em interação entre o imaginário e o que se observa enquanto espectador.

Barthes (1984, p. 49) diz:

Como a fotografia é contingência pura e só pode ser isso (é sempre *alguma coisa* que é representada) – ao contrário do texto que, pela ação repentina de uma única palavra, pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão -, ela fornece de imediato esses “detalhes” que constituem o próprio material do saber etnológico.

Deste modo, Barthes (1984) estabelece uma correlação entre dois processos óticos de reprodução da imagem: a câmara clara (imagem copiada pelo homem); e a câmara escura (reproduzida mecanicamente, sem a interferência humana).

Barthes (1984) também analisa o como “sentimos”, “tocamos”, “olhamos” e “pensamos” uma fotografia partindo do primeiro olhar. Sensações que levam a uma série de perguntas, como exemplo a imagem captada pelo repórter fotográfico do jornal: é a mesma que lhe foi sugerida na pauta do dia? Como é vista essa fotografia? O que ela transmite? Como nos toca? De que maneira foi interpretada? O que a legenda da foto publicada no jornal diz ou quer passar, de fato, ao leitor?

São questões que remetem a decisões e, por que não dizer, a sentimentos – estes, por sinal, um motivador de manchetes e destaques na edição diária, na medida em que servem

como apelo midiático. Barthes (1984, p.40), inclusive, reporta esse pensamento a partir de uma experiência relatada em seu livro:

Eu folheava uma revista ilustrada. Uma foto me deteve. Nada de muito extraordinário: a banalidade (fotográfica) de uma insurreição na Nicarágua: rua em ruína, dois soldados com capacete em patrulha; em segundo plano, passando duas freiras. Essa foto me agradava? Me interessava? Me intrigava? Nem mesmo isso. Simplesmente, ela existia para mim.

O que Barthes (1984) nos apresenta remete a um estudo analisado ao longo desta pesquisa e que serviu de recorte e embasamento para entender como as fotografias são fontes de informações em plataformas imagéticas de jornal, tanto analógica como digital. Para tanto, e seguindo a reflexão que esbarra no olhar questionador, e, ao mesmo tempo, que transmita um sentimento. Por meio dos estudos de Barthes, é possível refletir acerca do tema e de que maneira as fotos trazem informações visuais de um fragmento real enquanto documento histórico e resgate do conhecimento de uma cena passada.

A fotografia que conhecemos é rápida, colorida e digital, pode ser verdadeira, poder artística, pode ser o que quiser. De qualquer forma continua sendo um recurso documental, um meio de comunicação, um suporte para ideias, um documento de múltiplas leituras e interpretações que mantém a função de registrar algo que podemos ver e intrinsecamente algo que é apenas conceitual.

3. 1 Aspectos Históricos

A palavra fotografia tem origem do grego, *photographia*, e quer dizer “escrita da luz”. Neste sentido, a fotografia é a produção de símbolos por reação físico-química por meio do encontro de luz sobre uma superfície sensível à radiação luminosa (SIN, 2006).

Não é correto dizer que a fotografia foi criada por uma única pessoa, pois o processo fotográfico, como o conhecemos hoje, é resultado de muitos séculos e muitos nomes. Desde antes de Cristo (por volta do ano 350), por exemplo, já havia descrito o fenômeno da produção de imagens pela passagem de luz por um orifício. Em seus escritos sobre física, Aristóteles faz uma descrição do princípio de câmera escura³, pela observação da imagem de um eclipse solar parcial projetada no chão através dos buracos nas folhas de uma árvore (SIN, 2006).

Conforme Dubois (1993, p. 129):

³ Câmera Escura: A câmera escura é uma caixa vedada da luz, adaptada com uma abertura com lente ou sem lente em um de seus lados apontada para algum objeto, a luz refletida deste projeta-se para dentro da caixa e a imagem dele se forma na parede oposta à do orifício. A imagem se apresenta de forma invertida.

Qualquer manual de história da fotografia apresenta sua invenção como resultado da conjunção de duas invenções preliminares e distintas: a primeira, puramente ótica (dispositivo de captação de imagem); a outra puramente química, é a descoberta da sensibilização da luz de certas substâncias à base de sais de prata (inscrição automática).

Acredita-se que a fotografia deu seus primeiros passos quando diversos químicos empenharam-se em reproduzir imagens pela passagem de luz pelo interior de pequenos orifícios. Quintas et al. (2008, p.45) ressalta que: “A luz entrava na câmara através de uma pequena abertura, chamada *pinhole* (buraco de agulha ou orifício), projetando uma imagem de uma cena na parede oposta.”. Segundo Damisch (apud DUBOIS 1993, p. 39): “A aventura da fotografia começa com as primeiras tentativas de o homem reter uma imagem que aprenderá a formar de longa data (provavelmente os astrônomos árabes utilizavam a câmara escura desde o século XI para observar os eclipses do sol).”.

Alhazen, um físico e matemático árabe, estudioso de fenômenos ópticos inventou a câmara escura para a contemplação de eclipses solares, sem que estes causassem danos ao observador. Somente no século XVI foi adicionada às câmaras escuras uma lente convexa (UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, 2011).

De acordo com Halliday e Walker (2009, p.39):

Uma lente é um corpo transparente limitado por duas superfícies com um eixo central em comum. Quando uma lente está imersa no ar a luz é refratada ao penetrar da lente, atravessa a lente, é refratada uma segunda vez e volta a se propagar no ar. As duas refrações podem fazer mudar a direção dos raios luminosos.

Ou seja, uma das funções de uma lente é desviar os raios de luz para um lugar desejado. Uma lente convexa, que também podem ser chamadas de lente divergente, faz com que os raios se afastem do eixo central (HALLIDAY; WALKER, 2009). Ou seja, refrata-se em sentido convergente até se encontrar no foco principal da imagem, uma imagem aproximada e diminuída, tem sempre um foco real e concentra os raios de luz. Com a adição da lente convexa a câmara escura, esta se tornou um objeto capaz de registrar de forma permanente uma imagem real. Imagem real é uma imagem formada por raios luminosos (HALLIDAY; WALKER, 2009).

No século XIX vários estudiosos seguiram com os estudos sobre fotografia. Dentre outros, citam-se Thomas Wedgwood e Carl Wilhelm Scheele, que descobriram que a prata reagia à ação da luz e alguns anos após essa descoberta, o químico francês Joseph-Nicéphore Niépce conseguiu usar cloreto de prata em papel para se registrar as imagens captadas pela luz e desta forma foi desenvolvida a chapa de prata (VASQUEZ, 2000). Dubois (1993, p. 132) afirma: “A descoberta da sensibilidade dos sais de prata a luz é que vai permitir abandonar o

trabalho do decalque e da cópia manual da imagem em proveito de um novo meio de registro: a inscrição automática.”.

Conforme Vasquez (2000, p.1):

Tanto Joseph Niépce, o inventor da fotografia na França, quanto nosso precursor, Hercule Florence, trabalhavam no aprimoramento de sistemas de impressão quando tiveram a idéia de unir dois fenômenos previamente conhecidos, um de ordem física e outro de ordem química: a câmera obscura, empregada pelos artistas desde o século XVI, e a característica fotossensível dos sais de prata, comprovada pelo físico alemão Johann Heinrich em 1727.

A chapa de prata, utilizada nas fotografias, foi desenvolvida por Joseph-Nicéphore Niépce em parceria com Louis-Jacques Mandé Daguerre. Após alguns anos de pesquisa, foi então lançado o daguerreótipo⁴.

O daguerreótipo utilizava a chapa de prata, descrita acima, que ao receber tratamento com iodo criava uma camada fina de iodeto de prata, que variava de cor quando era submetida à luz. De acordo com Barthes (apud DUBOIS, 1993, p. 60) a fotografia “[...] só foi possível no dia em que uma circunstância científica (a descoberta da sensibilidade dos haletos de prata à luz) permitiu capturar e imprimir diretamente os raios luminosos emitidos por um objeto iluminado de forma diversa.”.

O daguerreótipo reproduzia a imagem fotográfica sem a utilização de um negativo para o mesmo, com características são extremamente ricas em detalhes e duas cores variam em uma escala de cinza. Estas fotografias eram protegidas por um espelho e hermeticamente fechadas.

Um dos problemas do daguerreótipo era que ele precisava de longas exposições para poder se fixar as imagens na chapa de prata (VASQUEZ, 2000). Outros problemas que podem ocorrer com esse tipo de fotografia são a oxidação da chapa de prata utilizada como suporte à fotografia e a doença do vidro, em que o vidro se deteriora e pode acabar comprometendo a fotografia. Além disso, por não possuir negativo da foto, o daguerreótipo não permitia cópias da fotografia.

As fotografias variaram muito de suporte, juntamente com a sua evolução. Desde chapas de cobre, vidro, ferro, papel pelos mais variados processos de estrutura, até chegar ao suporte utilizado nos dias de hoje: o plástico.

⁴ Daguerreótipo: Placa de cobre polida e prateada, exposta em vapores de iodo, formava uma camada de iodeto de prata sobre si. Quando numa câmera escura e exposta à luz, a placa era revelada em vapor de mercúrio, aquecido, este aderiu onde havia a incidência de luz, mostrando as imagens. Estas imagens eram fixadas com o uso de uma solução química, o tiosulfato de sódio, no processo de revelação chamado de fixador.

Mustardo e Kennedy (2001, p. 7) explicitam cada forma de suporte em relação ao tipo de fotografia: “Metal (placa de cobre recoberta com prata, para daguerreótipos, e folhas de ferro laqueado, para ferrótipos); vidro (para ambrótipos, negativos de vidro, positivos em slides); papel (positivos de todos os tipos e alguns dos primeiros negativos do século XIX); plásticos (negativos em filme – acetato, nitrato, poliéster, etc.).”.

3.2 Fontes de Informação e Memória

Rodrigues (2007, p. 68) cita em seu trabalho como a imagem sempre esteve presente na história do homem e a sua importância na comunicação e ao longo dos anos:

A história da humanidade foi e ainda é marcada pela presença da imagem como um dos principais mecanismos de comunicação entre os homens, que a utilizaram na forma dos mais variados suportes e técnicas, tais como madeira, pedras, argila, osso, couro, materiais orgânicos em geral, metais, papéis, acetatos, suportes digitais, [...] desenho, pintura, escultura, fotografia, cinema, televisão, web [...]

A fotografia está inserida no cotidiano das pessoas estando presente nas mais diversas áreas do saber, como a Geografia e a História e em meios de comunicação como a televisão, a internet, jornais e revistas, como foto jornalística ou retratos. Ressalta-se a importância da imagem, que de acordo com Rodrigues (2007, p. 67) “[...] sempre foi um dos principais meios de comunicação na história da humanidade, ainda que por longo período a escrita a tenha sobrepujado em importância.”.

A fotografia surge no século XIX. Primeiramente teve seu foco mais centrado nas fotos de família, grandes eventos e marcos históricos devido ao seu alto custo. Aos poucos foi evoluindo na técnica e popularizando-se, ainda com fotografia analógica.

Com o surgimento da fotografia digital nos anos 1980, segundo Oliveira (2010), houve uma ruptura entre os profissionais que trabalham com fotografia pelo fato da necessidade do acompanhamento das novas técnicas e certa resistência por parte de alguns profissionais.

A fotografia é uma fonte de informação por registrar e transmitir de maneira real determinado objeto/situação. Segundo Brigidi (2009), o fotógrafo, no entanto, é como se fosse um “filtro cultural” justamente por ser ele quem pode definir o aspecto a ser registrado com maior ênfase. Ao usar uma foto como fonte de informação é preciso ter atenção especial, pois esta – em especial a digital – pode ser manipulada facilmente em diversos softwares.

Benjamin (1987) chamou a atenção para o uso de legendas, uma vez que o objeto fotografado precisa estar “localizado” para que o “leitor” da imagem possa contextualizar-se.

Em seguida salienta que a utilização da foto varia de acordo com a intenção de quem usará a fonte e caracteriza as fotografias como: documentos históricos (de valor individual, coletivo, individual que passou a coletivo); fotojornalismo; fotopublicidade.

A fotografia comunica de diversas maneiras, cada pessoa vê a foto de maneiras diferentes, cada fotógrafo clica e enfatiza determinado elemento, cada um usa a imagem com finalidades diferentes e, devido à dinâmica e importância dela na sociedade, deve ser, segundo Brigidi (2009), considerada documento e tratada como tal para que possa ser de fato uma fonte de informação.

Brigidi (2009, p. 28) ainda destaca que: “É conveniente que o leitor de imagens saiba como, porque e para quê a fotografia foi projetada. Estas informações irão orientar a leitura da fotografia e serão necessárias para definir se ela pode ou não ser utilizada como uma fonte de informação.”.

Segundo Guran (1999) a fotografia mostra a realidade de maneira própria e particular, assim como no cinema e no vídeo. Ela congela o tempo, a ação e um determinado local e preserva aspectos que mudaram com o tempo, é uma forma de comunicação sem barreiras linguísticas ou geográficas.

O autor ainda ressalta que “[...] a fotografia é extensão da nossa capacidade de olhar e constitui uma técnica de representação da realidade que, pelo seu rigor e particularismo, se expressa através de uma linguagem própria e inconfundível.” (GURAN, 1999, p.15).

Para Mauad (2004), a fotografia é uma fonte histórica que demanda, por parte do historiador, um novo tipo de crítica, na qual o testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida. Destaca-se que a fotografia é considerada imagem/documento e imagem/monumento conforme Le Goff (2003). No primeiro caso, considera a fotografia como índice, marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares, nos informam sobre determinados aspectos desse passado, como as condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural e condições de trabalho. Tratando do segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro (LE GOFF, 2003). Nessa acepção, todo documento é monumento; se a fotografia informa, ela também conforma determinada visão de mundo.

Embora a literatura da área da fotografia não possui uma definição clara para a expressão “fotografia histórica”, o senso comum entende que esta carrega consigo uma importância histórica, isto é, apresenta algum acontecimento que, de alguma forma, foi um marco para a História da humanidade. Por ser considerada um resgate da memória, a fotografia é um documento que permite a lembrança de fatos, muitas vezes esquecidos no passado. De acordo com Fernandes Júnior (2000, p. 18):

Fotografia é imagem. Mas não apenas. Ela é o tempo detido, é a memória. É a evidência da luz que incidiu sobre um objeto específico, num lugar específico, num momento específico. Se por um lado isto soa como uma limitação, por outro é o próprio mistério da fotografia. Aquilo que vemos numa fotografia aconteceu. Às vezes de uma maneira que não sabemos como ou porquê – a fotografia não explica. Mas aqueles objetos e pessoas que gravaram sobre o filme e hoje são imagens, ontem existiram. É isso que estimula nossa imaginação.

Por meio da fotografia visualizamos o passado; sua característica de testemunho direto – e é isto que a diferencia em essência da representação pictórica – da realidade lhe confere um valor documental incomparável. A fotografia com significado histórica propicia um resgate da memória, tanto individual quanto coletiva, pois ambas remontam a fatos que marcaram de alguma forma a vida das pessoas, podendo ser lembrados por simples momentos do dia a dia até grandes acontecimentos de repercussão mundial. Os cenários e os personagens não são mais “imaginados”, encontrando os estudiosos da iconografia fotográfica, fontes históricas “insubstituíveis”. (KOSSOY, 1980).

Por esse ângulo, a fotografia, com certeza, é um suporte da realidade que lhe confere significado documental único. Para Le Goff (1984, p. 104) “O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento.”.

Ainda segundo o autor:

A palavra latina monumentum remete para a raiz indo-européia men, que exprime uma das funções essenciais do espírito (mens), a memória (memini). O verbo monere significa ‘fazer recordar’, donde ‘avisar’, ‘iluminar’, ‘instruir’. O monumentum é um sinal do passado (...). O monumento tem como características o ligar-se ao poder da perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (...). O termo latino documentum, derivado de docere ‘ensinar’, evoluiu para o significado de ‘prova’ e é amplamente usado no vocabulário legislativo. (LE GOFF, 1984, p.104-106).

Pode-se dizer que muita coisa mudou ao longo dos últimos 20 anos: os materiais, os processos de fabricação, a aparência das imagens. No entanto, e fundamentalmente, mudou a nossa atitude em face da fotografia: hoje em dia ela está tão presente e em tão grande quantidade que quase não reparamos nela (PAVÃO, 1997).

A partir dessa colocação, podemos notar que aproximadamente até o século XIX o documento fotográfico era raro e caro, um privilégio que só a elite da época podia vivenciar. Atualmente as fotografias se tornaram mais “banais”, recebem muitas vezes pouco cuidado, e acabam se perdendo ou se deteriorando, sem preocupação com o futuro, ou seja, não reconhecidas como patrimônio histórico.

3.3 Fotografia Digital

Com o desenvolvimento de novas tecnologias, sabemos que o cenário eletrônico se modifica constantemente e rapidamente, conforme destaca Pavão (2002, p.4):

Há 10 anos atrás a fotografia digital era uma curiosidade, de que se falava esporadicamente e que raramente tínhamos a oportunidade de ver. Havia então a convicção, todos nos lembramos ainda, de ser apenas uma experiência, que ficava muito aquém da fotografia analógica em termos de qualidade, definição e fidelidade de cor. Com o progresso tecnológico dos últimos anos a fotografia digital foi-se aperfeiçoando e aproximando da fotografia analógica em termos de qualidade. As facilidades de criação e reprodução que lhe são inerentes foram-na fazendo invadir muitos domínios da fotografia tradicional, em casa, na escola, nos meios de comunicação. Esta invasão estendeu-se também às instituições detentoras de bens culturais, arquivos e bibliotecas.

Ainda segundo Pavão (2002, p.4): “[...] há cerca de aproximadamente dez anos a fotografia digital terá ultrapassado a fotografia analógica em termos de produção e de qualidade, assim surgindo à necessidade de preservar as fotografias digitais.”

Em razão disso, não se pode esquecer que os arquivos digitais também merecem cuidado e preservação, só que apenas por uma ótica diferenciada. De acordo com Conway (2001, p.11) “[...] a informação na forma digital – a evidência do mundo em que vivemos – é mais frágil que os fragmentos de papiros encontrados nas tumbas dos faraós.” Isso se deve ao fato do mundo eletrônico se modificar muito rapidamente, e as linhas que separam o atual e o obsoleto são muito tênues.

A fotografia digital pode, para efeitos deste trabalho, ser entendida como “[...] a imagem fotográfica numérica, independente de sua forma de captura, se com câmera digital ou analógica e posteriormente digitalizada.” (AGUIAR, 2011, p. 54).

Mesmo não se perdendo de vista que a fotografia não é uma cópia do real, mas um recorte tempo-espacial, não se pode negar que ela goza de um status privilegiado de isso foi, de registro da realidade, de prova cabal de veracidade.

Em torno deste tipo de imagem, alguns aspectos ganham destaque, tais como, a manipulação da imagem com vistas a “recriar” o real retratado, a dúvida em relação à veracidade da imagem no que se refere a esse vínculo com o real e a possibilidade aberta pela facilidade dessa manipulação para um público cada vez mais extenso.

O desenvolvimento de softwares de manipulação de imagens digitais e a conseqüente popularização desses programas e das próprias câmeras acabam por gerar questionamentos sobre a veracidade da imagem apresentada. Nesse caso, “[...] As fronteiras entre transcrição da realidade, manipulação e total síntese de imagens visualmente convincentes se tornam difusas.” (FELZ, 2011, p. 60).

Se desaparecer o aspecto de coisa pronta e acabada, tão marcante na fotografia convencional, a imagem digital acaba por ganhar elementos que a aproximam da pintura. Afinal, com recursos relativamente simples, “[...] é possível se redesenhar totalmente uma fotografia, quase com a mesma liberdade do desenhista ou do pintor que trabalha em uma composição.” (AGUIAR, 2011, p. 58).

Vale salientar, contudo, que o fotógrafo digital ou o editor de fotografia trabalha sempre a partir de uma matéria-prima que é a própria fotografia. Nisso ele se difere do pintor que, para a elaboração de sua obra, parte de um espaço bidimensional vazio. Por mais que o editor fotográfico tenha possibilidades de criar e recriar, ele sempre estará trabalhando a partir de uma imagem original, que será preservada em maior ou menor grau.

Segundo Silva (2002, p.106):

No universo digital, é descartada toda e qualquer noção que entenda preservação e acesso como atividades distintas. O conceito de preservação no universo digital assume três significados diferentes: a) possibilitar o uso, já que para uma pequena série de documentos valiosos, mas deteriorados, a tecnologia da imagem digital é possivelmente o único mecanismo de custo compatível capaz de viabilizar a disponibilização para consulta; b) proteger o item original e c) manter os objetos digitais, sendo este o novo foco do trabalho de preservação. Assim, gerenciar a preservação digital implica em gerar, organizar e indexar, armazenar, transmitir e garantir a contínua manutenção da integridade intelectual.

Na preservação das fotografias digitais, Pavão (2002, p.3) lembra que:

A evolução tecnológica dos últimos anos mostra-nos que um sistema digital é ultrapassado por outro mais moderno, poucos meses ou anos após o seu lançamento, tornando-se um sistema obsoleto algum tempo depois. Novos sistemas digitais têm surgido e continuarão a surgir certamente, em sucessão sucessiva, sem cessar. Os sistemas antigos tornam-se obsoletos, inevitavelmente, no espaço de uma década ou antes disso e as imagens por eles geradas ou neles mantidas, deixam de ser lidas, decodificadas ou reproduzidas pelos novos sistemas que entretanto surgem. Os próprios suportes são ultrapassados por outros, de maior capacidade de armazenamento, rapidez de acesso ou gravação e menor custo. Isto significa que, aos responsáveis pela conservação do património visual, não basta garantir a boa condição física dos CDs, fitas magnéticas, discos rígidos, ou qualquer outro suporte de arquivo de imagens. Os ficheiros devem ser atualizados para se manterem legíveis e utilizáveis. Se o nosso arquivo de imagens permanecer fechado e isolado por alguns anos, quando o quisermos abrir arriscamo-nos a encontrar uma Biblioteca Babilônica, indecifrável.

A preservação de fotografias digitais pode ser considerada uma alternativa de preservação da memória institucional que consiste na obtenção de cópias de segurança (MARCONDES, 2005). Para que a preservação dos documentos fotográficos digitais se dê de forma adequada, são necessários uma criteriosa seleção, manuseio e manutenção, conforme apresenta Ferreira (2006, p. 20):

Designa-se, assim, por preservação digital o conjunto de atividades ou processos responsáveis por garantir o acesso continuado a longo-prazo à informação e restante património cultural existente em formatos digitais. A preservação digital consiste na

capacidade de garantir que a informação digital permanece acessível e com qualidades de autenticidade suficientes para que possa ser interpretada no futuro recorrendo a uma plataforma tecnológica diferente da utilizada no momento da sua criação.

A preservação digital tem por objetivo garantir que um receptor e um emissor possam se comunicar através do espaço e do tempo. Para que a esta comunicação seja possível é necessário que todos os níveis de abstração sejam acessíveis e interpretáveis; caso isso não aconteça, o documento perde-se para sempre.

Para obter êxito na preservação dos documentos é necessário que se faça um planejamento que defina quais as políticas serão adotadas, monitore o ambiente externo ao repositório, desencadeie eventos ligados à preservação sempre que for necessário, defina as estratégias de preservação que serão utilizadas no repositório e monitore as tendências comportamentais de forma a identificar os objetos que estão na iminência de se tornar obsoletos.

3.4 Documento Fotográfico

Uma vez que, a fotografia é uma palavra que tem sua origem no idioma grego e que significa escrever com a luz (foto= luz e grafia= escrita), é razoável afirmar com base em Manini (2002), que documento é toda informação registrada em qualquer suporte, passível veicular e difundir o conhecimento e representa realização de uma atividade humana, portanto

[...] o significado da própria palavra já a nomeia como documento. Desse modo, podemos tratar [...] a fotografia, como documento que transmite informação registrada em um suporte papel (fotografia analógica) ou eletrônico (fotografia digital), viabilizando a geração de conhecimento. Toda imagem tem um suporte e uma técnica [...]. Toda imagem é representativa, tem um suporte, é referencial, estética, artística, sintética, emotiva, objetiva e subjetiva. Além disso, a fotografia é real, pois documenta. (BOCCATO; FUJITA, 2006, p. 86).

Logo, documento é um suporte, no qual foi fixada ou registrada uma ideia, uma noção ou uma mensagem. Essa premissa amplia a concepção de que só era considerada como documento a informação textual. Dessa maneira, a fotografia como documento surge a partir do momento em que ela substitui o ato de registrar visualmente paisagens, pessoas, eventos, o que era feito por artistas e absorve uma das características essenciais de documentos de arquivo que é a sua natureza probatória já que conserva no tempo e no espaço o registro das ações ou fatos representados por meio da imagem.

Amar (2007, p. 63) ressalta que “A chegada da fotografia vai abalar estes modos de proceder, dado que ela é de imediata considerada completamente objetiva e verdadeira.”. O seu testemunho nunca é posto em dúvida. Ela vai ser, portanto, a “testemunha fiel” de todos os factos importantes.

Nesse contexto, a fotografia subverte as opiniões a seu respeito, e passa a ser vista como a forma mais adequada de representar, não só as ciências, mas também os acontecimentos históricos, culturais e sociais. Dessa forma a fotografia passou não só a substituir pinturas pessoais e particulares, como também a registrar fatos e acontecimentos sociais, passando assim a fazer parte dos acervos documentais. Neste caso, Kossoy (2007, p.41) afirma que, em relação à fotografia:

Trata-se dos indícios existentes na imagem (iconográficos), e que, acrescidos, de informações de natureza histórica, geográfica, geológica, antropológica, técnica, a carregam de sentido. Um conjunto de informações escritas e visuais que, associadas umas às outras, nos permitem datar, localizar geograficamente, identificar, recuperar enfim, micro histórias de diferentes naturezas implícitas no documento.

Desse modo a Ciência da Informação trabalha a fotografia como fonte de informação por se constituir em uma área que possui como escopo, a informação e em decorrência, todas as facetas relacionadas ao processo de produção, utilização, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão e transformação. A partir disso, Buckland (1997) considera Paul Otlet e Suzanne Briet como pioneiros europeus na pesquisa sobre documentação, em especial na questão da forma física da informação, não no sentido do suporte, mas da “informação-como-coisa” e por terem suas obras consideradas básicas e fundamentais para a área da Ciência da Informação. O autor supracitado evidencia que para compreender e definir algo como documento é necessário considerar alguns aspectos como, o suporte e a informação registrada que se pretende transmitir. Ressalta que Otlet (1934) amplia o rol de coisas que podem ser consideradas documento, Briet (1951) estabelece uma regra, onde qualquer objeto pode se tornar um documento, desde que um pesquisador assim o trate (BUCKLAND, 1997).

De acordo com Buckland (1997) as ideias de Paul Otlet e Suzanne Briet acerca de documento, sejam definindo conceitos ou condições para a sua proposição ampliam a noção de documento, porém, Otlet (1934 apud BUCKLAND, 1993, p.5) amplia essa concepção ao afirmar que “Os registros gráficos e escritos, os objetos em si também podem ser considerados como ‘documentos’ se, observando-os, obtiver informações. Por exemplo, objetos tais como artefatos, achados arqueológicos, modelos, jogos educativos e obras de arte.”. Buckland (1993, p.5) afirma que na visão de Briet um documento é “[...] qualquer sinal físico ou simbólico, preservado ou gravado, com a intenção de representar, reconstruir ou para demonstrar um fenômeno físico ou conceitual.”.

Dessa forma, os autores citados embasam a pertinência e valor da fotografia como documento, em razão dela corresponder aos pressupostos, necessários para consolidar as

informações registradas em um suporte, como documento. Portanto, insere-se como documento, a iconografia que é o documento que tem como característica de gênero: ser imagem (OTLET, 1934 apud BUCKLAND, 1997).

Mais especificamente em relação à fotografia, o referido autor registra em sua obra:

[...] a fotografia é, pois a ‘escrita com a ajuda da luz’ e acrescenta que se pode dizer que a fotografia é uma maneira de escrever baseada em princípios matemáticos, físicos e químicos. A fotografia é a mais importante das máquinas intelectualmente inventadas pelo homem. Não só reproduz, mas produz documentos e representa a realidade diretamente [...] (BUCKLAND, 1997, p.5).

Nesse sentido, a fotografia é um documento, e foi incorporada às instituições como bibliotecas, museus e a arquivos embora diferentemente e cumprindo funções próprias em cada local, como muito bem aponta os autores Otlet e Briet (BUCKLAND, 1997).

Os princípios gerais de tratamento dos documentos bibliográficos textuais são fundamentalmente os mesmos para os documentos iconográficos sob a forma de coleções: os formatos, a classificação, as regras descritivas. Se a intenção é complementar o Repertório Bibliográfico Universal com o Repertório Iconográfico, é preciso que ambos tivessem a mesma estrutura e linguagem para facilitar o acesso e o cruzamento de informações.

Manini (2010, p.19) acrescenta que: “A fotografia é um documento ímpar e diferenciado dentro das instituições, onde o documento escrito tem sido o objeto principal.” e Albuquerque e Madio (2013) corroboram ao afirmarem que a inserção e obviamente a organização das fotografias como documento em instituições como arquivos, bibliotecas e museus demandam formas peculiares, pois essas instituições possuem especificidades que as diferenciam e outras que as aproximam.

Em relação ao valor da fotografia como documento para a reconstrução de fatos passados, devem ser buscadas também outras fontes documentais e não somente as textuais, pois:

[...] a história faz-se com documentos escritos sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais, Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. [...] Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que pertencendo ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (LE GOFF, 2003, p.530).

Uma mesma fotografia pode ser objeto de estudo em áreas específicas das ciências e das artes (KOSSOY, 2001). Nesse caso, pode-se entender que, com o tempo, a fotografia passa da característica de “congeladora” de espaço/tempo de uma cena para assumir a condição de documento, a partir do momento em que ela ganha status de objeto de referência.

Nas palavras de Kossoy (2001), inicia-se outro processo: o da vida do documento. Este não apenas conserva a imagem do passado, faz parte do mundo e os estudiosos das fontes fotográficas “[...] que se utilizam da iconografia fotográfica do passado em investigações específicas - deverão, mais cedo ou mais tarde, confrontar-se com o fato de que no momento que observam e analisam uma fotografia eles estão diante da segunda realidade: a do documento.” (KOSSOY, 2001, p. 35).

O documento “fotográfico” não se limita à condição de peça de museu, mas a um objeto que carrega consigo um arcabouço de informações e “[...] mostram, em seus conteúdos, o próprio passado.” (KOSSOY, 2001, p. 152). Em contrapartida, ainda Kossoy (2001) acredita que o indivíduo desconhecedor do contexto histórico em que as imagens se originaram dificilmente identificará as diversas informações que as mesmas carregam. Efetivamente, não há como avaliar a importância de tais imagens se não existir o esforço em conhecer e compreender o momento histórico pontilhado de nuances nebulosas em que aquelas imagens foram geradas. Por outro lado, essas imagens pouco contribuirão para o progresso do conhecimento histórico se delas não se extrair o potencial informativo embutido que as caracteriza (KOSSOY, 2001).

Kossoy (2001) enfatiza que toda fotografia foi produzida com uma certa finalidade. As imagens capturadas com uma intencionalidade prévia, ou seja, determinar o que será fotografado, a exemplo de retratar determinados personagens, aspectos diferentes de dada cidade, dentre os mais variados assuntos.

Para Kossoy (2001), os registros foram produzidos com uma finalidade documental, pois representará um meio de informação, conhecimento e conterão sempre um valor documental. No entanto, o autor observa que isso não significa que essas fotografias sejam despidas do seu valor estético. Assim, as imagens que tenham um valor de documento são importantes para os estudos nas áreas das ciências sociais, pois possibilitam um meio de conhecimento do tempo passado. Para Leite (2006, p.40) “Procura-se usufruir de suas contribuições relativas e diversificadas, de acordo com os dados proporcionados e procurados pelo observador: os dados e as informações fornecidos [...] têm a possibilidade de explicar e concretizar inúmeras situações.”.

Para Borges (2005), quando transformada em documento a imagem fotográfica dessacraliza rede de relações que a sustenta. Acredita a autora que esse processo, marcado pelo jogo entre razão e sensibilidade, não se fará, no entanto, em detrimento de sua magia e de seus múltiplos significados. Kossoy (2001) compartilha com a ideia de Borges (2005) quando enfatiza que o valor e o alcance dos documentos, bem como sua viável interpretação, estão na

razão direta de quem consegue - em função de sua bagagem cultural, sensibilidade, experiência humana e profissional - formular lhes perguntas adequadas e inteligentes. Entende que a fotografia é passível de várias interpretações e fascínio que desperta nas pessoas.

Portanto, a partir do momento em que a fotografia passa da condição de cena congelada, fragmentada e imaginária, e assume uma dimensão de objeto expressivo, carregado de significações é que ela ganha características enquanto registro documental, capaz de dialogar e fornecer informações mais detalhadas para aqueles que desejam aprofundar um pouco mais no “passado” da história.

3.5 Fotojornalismo

O fotojornalismo se constitui numa atividade quase que ambígua, uma vez que inclui fotografias de notícias, fotorreportagens e mesmo fotografias documentais, carregando consigo o caráter testemunhal, sua ambição máxima e como atividade singular que faz uso da fotografia como um veículo de observação, informação, análise e de opinião sobre a sociedade.

Sousa (2000, p.12) julga que a melhor forma de abordar o conceito de fotojornalismo, devido à complexidade do assunto, é pela sua característica de “[...] combinação de palavras e imagens - tendo as primeiras que contextualizar e complementar as segundas, e fazê-lo em sentido *lato* e em sentido *restrito*.”.

No primeiro, fotojornalismo pode ser entendido como a atividade de realização de fotografias informativas, interpretativas, documentais ou ilustrativas para a imprensa ou outros projetos editoriais ligados à produção de informação de atualidade. Desta forma, a atividade caracteriza-se pela finalidade, intenção e não tanto pelo produto. Enquadram-se nesta categoria das *spot news* (fotografias únicas que condensam uma representação de um acontecimento e um seu significado), às reportagens mais elaboradas e planejadas, como fotodocumentalismo, as fotos “ilustrativas” e às *feature fotos* (fotografias de situações peculiares encontradas pelos fotógrafos nas suas investigações) (SOUSA, 1998).

Para Sousa (2000), no sentido restrito, o fotojornalismo é entendido como uma atividade que visa informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista "opinar" através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. Este interesse pode variar de um para outro órgão de comunicação social e não tem necessariamente a ver com os critérios de noticiabilidade dominantes.

Para Lima (1998), a fotografia utilizada na imprensa, o seu maior produtor, tem caráter e predominância informativa. Nos jornais, mais que nas revistas, e que os vazios dos textos encontram seus complementos na imagem e vice-versa. Qualquer notícia acompanhada de uma fotografia desperta mais interesse do que outra notícia sem imagem. A foto de imprensa se apresenta para o leitor como um testemunho fidedigno e transparente do fato reportado, exibindo-se como expressão da literalidade das coisas, estabelecendo sua fala a partir de uma ordem de representação das coisas, que se dá a reconhecer e não a analisar. As fotos jornalísticas, porém, quase nunca prescindem do discurso verbal: por vezes é necessário que esteja junto ao texto para acentuar o realismo e a presença do jornal nos acontecimentos, articulando-se também com os títulos e a legenda que a contextualiza, complementando-se ainda pelo lugar que ocupa na composição gráfica da página e o destaque que tem na própria página. As palavras reduzem a possibilidade de se encontrar vários sentidos no texto: a foto, ao contrário, é polissêmica, dando margens a diversas interpretações.

Sousa (1998) descreve a história do fotojornalismo, como um processo de tensões e rupturas, sob dicotomias constantes: uma história do aparecimento, superação e rompimento de rotinas e convenções profissionais, que impõe um dilema constante entre a busca da objetividade e a assunção da subjetividade e do ponto de vista, entre o realismo e outras formas de expressão, o valor noticioso e a estética, o cultivo da pose e o privilégio concedido ao espontâneo e à ação, entre a foto única e as várias fotos, a estética do horror e outras formas de abordar temas potencialmente chocantes. E é também uma história que assiste, gradualmente, ao aumento dos temas fotografáveis, de expansão do que merece ser olhado e fotografado.

Na área do fotojornalismo, a fotografia é registro e representa informação e para entender melhor essa concepção foi encontrada uma definição simples sobre o uso jornalístico da imagem:

A fotografia aparece na imprensa em três situações: como ilustração, como a informação principal em relação ao texto, ou como complemento deste. Paralelamente, desempenha variadas funções em vão desde a recuperação de outras informações e aspectos colaterais da notícia (quando a foto de arquivo é a grande matéria-prima) até constituir-se na própria notícia, ou em parte dela. (RIBEIRO, 1991, p.53).

O registro fotográfico serve de apoio a várias áreas: “[...] a fotografia foi amplamente disseminada nos meios científicos e em vários setores da sociedade.” (ABREU, 2005). A Geografia, por exemplo, utiliza fotos aéreas para a elaboração de mapas, ou no jornalismo em que a fotografia ajuda a compor a notícia. Para Teixeira (2008, p. 77): “[...] a fotografia é um

item muitas vezes indispensável à notícia.”. A imagem, capturada pelo repórter fotográfico, complementa e trabalha em sinergia com o texto do repórter.

Sendo assim, pode-se dizer que o fotojornalismo, é definido como um instrumento de comunicação de massa capaz de permitir ao indivíduo a representação de sua realidade em imagem (LIMA; SILVA, 2007), é passível de ser uma fonte de informação, assim como os livros, revistas, a televisão, a internet, folhetos, cartazes, jornais, periódicos, cinema, mapas, dicionários, enciclopédias, entre outros.

Nesse sentido, o fotojornalismo, é considerado de maneira ampla, a fotografia documento, aquele que “cobre” acontecimentos e registra os fatos e partindo dessa perspectiva, é possível acreditar no uso documental da imagem dentro do fotojornalismo.

4 JORNAL O IMPARCIAL

O Imparcial é o jornal mais antigo em circulação na cidade de São Luís, capital do Maranhão. Faz parte do grupo Diários Associados, grupo fundado por Assis Chateaubriand em 1924 que atualmente é o sexto maior conglomerado de empresas de mídia do Brasil. É o segundo jornal mais vendido do Maranhão, perdendo apenas para O Estado do Maranhão e possui um jornal paralelo chamado Aqui Maranhão, que circula desde 2008, que tem se tornado campeão de vendas, devido a seu conteúdo popular e ter baixo custo. Quando foi lançado, o jornal Aqui Maranhão, custava apenas R\$ 0,25 centavos e hoje custa R\$ 0,50 centavos e ainda é o jornal com o maior número exemplares do Nordeste, com 30.000 exemplares circulando diariamente.

O Imparcial é caracterizado por dar bastante ênfase aos temas políticos sendo uns dos principais divulgadores da política local. Devido ao desenvolvimento da Internet, ao progresso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), e a concorrência com as outras mídias locais, O Imparcial passou a se inserir na nova mídia, no caso a Internet. Assim, em 2006, foi criado o Portal O Imparcial Online, hospedado na Internet no endereço eletrônico www.oimparcialonline.com.br, um portal com notícias de São Luís, do Maranhão, do Brasil e o Mundo. Em 2011, o jornal O Imparcial passou por uma completa reformulação onde toda a identidade visual, tanto da edição impressa e quanto do portal, foi adaptada ao padrão do grupo Diários Associados e o portal passou a se chamar apenas Portal O Imparcial.

Conforme o depoimento⁵ de eminente jornalista entrevistado e que priva do conhecimento tácito sobre o jornal O Imparcial, o veículo de comunicação foi fundado em 1º de maio de 1926, pelo jornalista João Pires Ferreira, que tinha um perfil sóbrio e moderno para a época, buscava ser referência no jornalismo maranhense contaminado pelos jornais políticos - de famílias (Borges, 2005). A equipe era composta por intelectuais maranhenses que pautavam matérias sobre acontecimentos na capital, no interior, sobre política, cultura, matérias policiais, num enfoque (pretendido como) objetivo. Ressaltou também que este nome já pertenceu a outros dois periódicos de São Luís “*O primeiro data de 27 de maio de 1899, foi fundado por Anísio Palhano de Jesus, mas faliu nas primeiras edições e, o outro, surgiu em 1914, e se manteve até 1915. Não há, pois nenhuma ligação entre os mesmos.*”.

Ainda, em depoimento, o referido Coordenador informou que em outubro de 1944, João Pires vende o jornal para o maior conglomerado da comunicação do país, os Diários

⁵Depoimentos verbais concedidos pelos senhores, Coordenador e Diretor da Redação do jornal O Imparcial.

Associados, de propriedade de Assis Chateaubriand. Afirmou que o motivo da compra foi o parque gráfico do matutino, arrojado para a época e serviria para imprimir outros jornais do grupo no Estado como o Diário do Norte de 1937, O Globo de 1939 e A Pacotilha de 1880. No dia 4 de outubro de 1944 o Jornal passa oficialmente a ser assinado pelos Diários Associados.

Relatou que Assis Chateaubriand adquiriu um casarão na Rua Afonso Pena, construído pelo pai do político Benedito Leite, em 1813, para sediar o complexo de comunicação dos Diários Associados no Maranhão, com os jornais e a Rádio Timbira.

A adesão ao grupo dos Diários Associados, fundado em 1924, promoveu algumas modificações, uma delas foi à linha editorial do periódico, que foi comprometida. A pretensão de João Pires, de imparcialidade das notícias, principalmente as de política, não foi mais concretizada.

No período de 1950 a 1970, o matutino mostrou-se, instrumento de barganha do político Assis Chateaubriand com lideranças políticas locais. Ele apoiou o senador Vitorino Freire, líder regional do Partido Social Democrata (PSD), e seus governadores como Eugênio Barros e Newton Bello. O Jornal teve que se submeter ao estilo da cadeia nacional de impressos. O texto passou por adequações, pois o fluxo de matérias “de fora” exigia, dos jornalistas locais, um texto similar; a disposição das notícias e sua hierarquia também foram modificadas; a prioridade passou a ser do conteúdo internacional, depois do nacional, o regional, até chegar ao local, que ficava, em sua maioria, restrito à última página.

Conservou-se um posicionamento de vanguarda técnica, o jornal foi o primeiro a introduzir a linotipo no Maranhão, a máquina de escrever na redação, e em 1974, aderiu à impressão off-set, à fotocomposição eletrônica e à composição computadorizada. Com a instalação da nova sede, no ano de 2001, o parque gráfico foi potencializado com máquinas como Impressora Goss Community, em torres de seis unidades, que imprime 35 mil exemplares por hora, com 90% da superfície em cores.

O Diretor da Redação⁶ ressalta que: *“Com a introdução do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal do Maranhão, na década de 1970, foi importante para a consolidação do processo de produção de notícia no jornal. Grande parte dos jornalistas de O Imparcial se graduou nesta instituição federal de ensino superior.”*

⁶Depoimento verbal do Diretor de Redação do jornal O Imparcial.

Com relação à coluna “Retrato da História”, o Coordenador declarou que foi criada em 2016 com publicações diárias na seção “Opinião”. Sua finalidade é resgatar um pouco da memória de São Luís através de uma imagem fotográfica do acervo do jornal. Sua extinção ocorreu em 2018 por conta da reformulação da diagramação do jornal.

O acervo fotográfico, nas palavras do Diretor de Redação, as imagens são produzidas pelos próprios fotógrafos da instituição. No arquivo físico não foi possível chegar a um número exato da quantidade de imagens, pois o mesmo ainda está sendo catalogado e organizado. As fotografias analógicas ficam guardadas em armários de metal, no arquivo da instituição. As fotografias ficam dentro de envelopes, e cada envelope corresponde a fotografias de um determinado assunto (há assuntos como esportes, pessoas famosas, cinema, política, monumentos, artes, etc.). A ordem usada para organizar esses assuntos é a ordem alfabética. Dentro dos envelopes correspondentes ao assunto, se encontram todas as fotografias sobre aquele assunto disponíveis no acervo.

De acordo com o Diretor da Redação, o setor do arquivo fotográfico da instituição possui apenas um computador com impressora é disponibilizado com a programação necessária para a indexação das fotografias analógicas (antigas). Este fato dificulta e atrasa a indexação e digitalização das fotografias do dia. Para solucionar esse problema, seria interessante contratar um bibliotecário, para que esse processo se torne mais eficiente, pois atualmente apenas um estagiário do curso de Biblioteconomia desenvolve essa atividade.

Na coleção de fotografias antigas, muitas estão em bom estado de conservação. Outras se encontram com cola em seu verso, com sinais de corretivo e tinta de caneta. Isso se deve porque há algumas décadas, como a preocupação com a preservação do documento fotográfico era menor, os jornalistas tinham menos “cuidados”, e não havia programas de computador para deixar as fotografias do jeito desejado (como Photoshop, por exemplo).

Conforme as informações do Diretor da Redação, o acervo analógico existe desde a fundação do jornal, entretanto com a mudança de prédio (endereço) vários arquivos foram perdidos. Há fotografias que datam da década de 1950 a 1970. Essas fotografias nunca passaram por nenhum tipo de restauro, e muitas se encontram amassadas, dobradas, riscadas com caneta esferográfica e lápis, carimbadas, com fita durex e com cola em seu verso. Quando alguma dessas fotografias é utilizada, geralmente ela também é digitalizada. Não há nenhum tipo de climatização especial.

5 METODOLOGIA

Para conseguir realizar este trabalho foram combinadas algumas formas de pesquisa a seguir apresentadas.

Quanto à natureza, esta pesquisa é vista como aplicada e que objetiva segundo Silva e Menezes (2001, p. 19) gerar conhecimentos para aplicação prática dirigida à solução de problemas específicos.

A presente pesquisa é caracterizada como descritiva que segundo Barros e Lehfel'd (2007, p. 84): “[...] não há interferência do pesquisador, isto é, ele descreve o objeto de pesquisa. Procura descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenômenos [...]”.

Hirano (1998) também define a pesquisa descritiva como: “conhecimento obtido, além de identificar o fato, descreve-o, caracteriza-o, procura mostrar como ele é; responde à pergunta do tipo quem é? Como é?”.

Quanto aos procedimentos técnicos, esta pesquisa é classificada como pesquisa documental quando elaborada a partir de material publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na internet e estudo de caso quando envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetivos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento (GIL, 1991 apud SILVA e MENEZES, 2001). Também pesquisa de campo que de acordo com Minayo (1994, p. 53): [...] “recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir dos objetivos da investigação”.

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa com abordagem qualitativa por ter a preocupação em situar o objeto de estudo em um contexto social com uma abordagem dinâmica, contextualizando relações e interações ocorridas em uma situação particular, com o objetivo de um diagnóstico mais profundo e expressivo do objeto investigado. Essa opinião é defendida por diversos autores, como MARCONI (2014), LAKATOS (2003) e MINAYO (1993) que consideram a pesquisa qualitativa como expressão verdadeira de um olhar crítico e investigativo contemporâneo.

Silva e Menezes (2001, p.19) consideram a pesquisa qualitativa como:

Uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

O acervo utilizado para a análise fotográfica foi composto de fotografias históricas do jornal O Imparcial de São Luís, Maranhão e foram selecionadas, para este trabalho, fotografias dos anos de 1960 a 1980 e que foram publicadas na coluna Retrato da História (nos anos 2016 - 2017), ressaltando que “As fotografias, como todos os documentos, monumentos e objetos produzidos pelo homem, têm atrás de si uma história.” (KOSSOY, 1989, p. 49.).

Neste contexto de importância para a memória de povos, países, cidades, foram selecionadas 9 (nove) fotografias do acervo publicadas nas páginas das redes sociais (Instagram e Facebook) do referido Jornal, onde as mesmas são dos anos de 1960 a 1980, tiveram o maior número de curtidas (cerca de 500) e compartilhamentos e seu objetivo é demonstrar como o objeto fotográfico pode ser compreendido como uma fonte de informação e registro de memória de um período histórico específico.

Ressalta-se que o texto que descreve as fotografias é oriundo da produção da autora do trabalho quando estagiou no jornal O Imparcial, no período de janeiro de 2016 a janeiro de 2018, apesar de não constar seu nome nas publicações os relatos são de sua fiel autoria.

Segundo Kossoy (1989, p. 65):

A análise iconográfica tem intuito de decuplar, inventariar e classificar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos; o aspecto literal e descritivo prevalece, o assunto registrado é perfeitamente situado no espaço e tempo, além de corretamente identificado.

A investigação das fotografias do acervo selecionado deu-se a partir da explicação do suporte e foi descrito a maneira em que se encontra a sua caracterização, e ainda, a data aproximada. Também descreveu-se, o local em que se encontra e a origem da aquisição.

De acordo com Sanz (2001, p.14):

A fotografia é entendida através de suas condições de produção, com suas intervenções culturais, políticas, econômicas e tecnologias. O objeto fotográfico passa a ser entendido como memória, documento ou monumento, sendo produto de um processo social complexo, uma síntese de múltiplas determinações.

Diante da metodologia exposta, apresenta-se em seguida o resultado da pesquisa.

6 DESCRIÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

Segundo Kossoy (1989), a análise fotográfica é dividida em dois tipos: a descritiva, que apenas descreve o documento e seus aspectos físicos, e a análise interpretativa, que depende do conhecimento prévio de quem irão analisá-la sobre o assunto que a fotografia trata. Para Guran (1999), p.67): “O entendimento de uma fotografia é tão amplo quanto à capacidade que cada um de nós tem de enxergar suas nuances interpretativas.”.

A análise temática da fotografia se difere da análise de documentos textuais. De acordo com Manini (2001, p. 128) este tipo de análise:

Objetiva a identificação do conteúdo informacional da imagem fotográfica. O que ela significa ou expressa não é oferecido só pela imagem e compreende um outro processo de identificação. O referente será analisado e pesquisado; sobre ele serão tiradas conclusões e a imagem poderá ser melhor analisada. A operação da análise documentária de documentos fotográficos também deve ser pensada em termos da representação escrita e da posterior recuperação da informação imagética por parte do usuário.

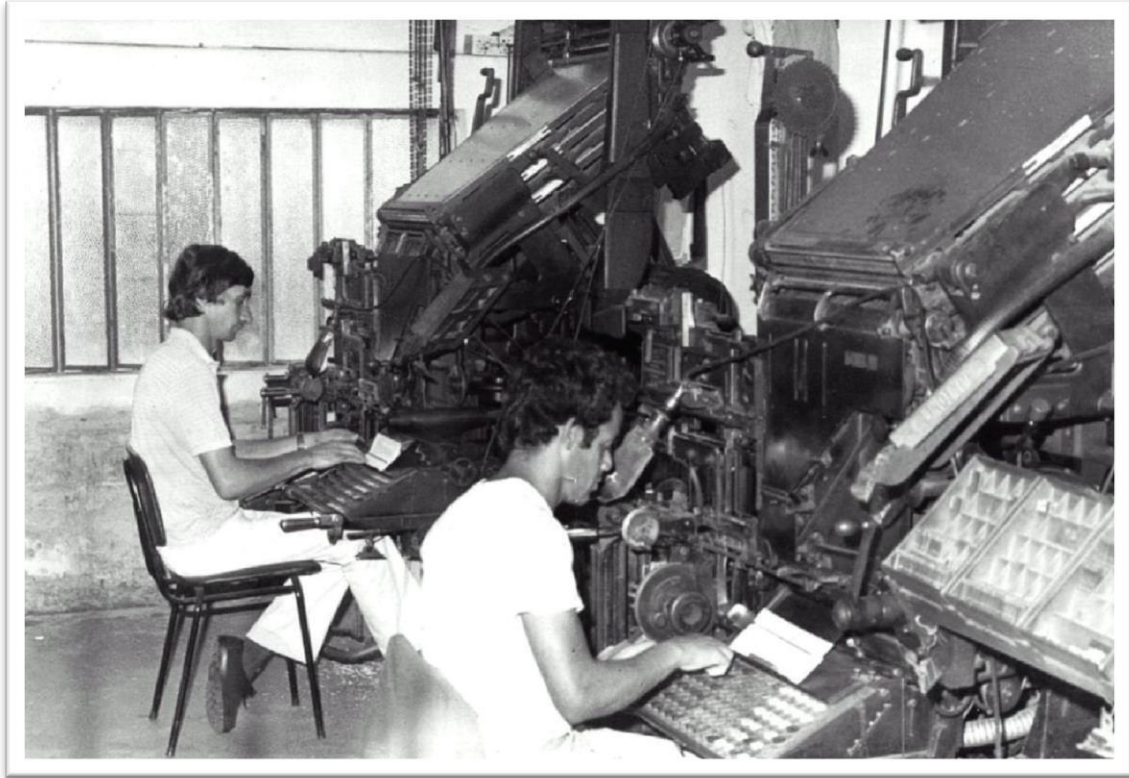
As fotografias selecionadas datam dos anos de 1960 a 1980, são apresentadas nessa cronologia, por serem posteriores a 1955, ano em que a fotografia como suporte de plástico começou a ser utilizada e seu negativo é feito de poliéster, tendo em sua composição, gelatina e corantes, tornando-a quimicamente estável.

Destaca-se que as fotografias analisadas se encontram em bom estado de conservação, pois foi possível visualização das imagens. As condições de armazenamento são relativamente boas apesar de não ser objeto desse estudo apresentam técnicas adequadas de conservação. As fotografias são acondicionadas, no jornal O Imparcial, em um armário de metal, dentro de envelopes, onde cada um é denominado com o tema específico que retratas.

As fotografias trabalhadas foram as referentes ao Linotipo do jornal O Imparcial (1960), o Abrigo da Praça João Lisboa (1972), a Avenida Beira Mar (1972), a RFFSA – Estação João Pessoa (1974), o Hotel Central (1975), a Praia da Areinha (1975), o Busto de Maria Firmina do Reis na Praça Deodoro (1976), a Rampa Campos Melo (1984) e o Palácio Cristo Rei (1986).

Apresenta-se a Fotografia 1, a primeira a ser descrita no trabalho.

Fotografia 1 - Linotipo – 1960



Fonte: Jornal O Imparcial (2018).

Na década de 60, na antiga sala de máquinas de O Imparcial (conforme verifica-se na Fotografia 1) utilizava-se a Linotipo que é uma máquina que funde em bloco cada linha de caracteres tipográficos, composta de um teclado, como o da máquina de escrever. A capacidade de produção é de seis mil a oito mil toques por hora. O próprio operador despacha para a fundição, a 270 graus Celsius. Mesmo com a quase extinção da técnica, com a chegada da imprensa offset, alguns lugares, principalmente cidades interioranas, ainda mantêm até hoje gráficas que trabalham com o maquinário de linotipos.

A técnica utilizada nesse trabalho foi à monocromática em preto e branco. Uma série de razões leva essa escolha estética como:

A cor pouco me interessa na fotografia. Em primeiro lugar, antes da existência do digital, os parâmetros para a fotografia eram muito rígidos. Com o filme em preto e branco era possível fazer superexposições e depois recuperar as fotografias em laboratório. Com o preto e branco e todas as gamas de cinza, porém, posso me concentrar na densidade das pessoas, suas atitudes, seus olhares, sem que estejam parasitados pela cor. O preto e branco essa abstração é, por tanto, assimilado por aquele que a contempla, que se apropria dele. (SALGADO, 2014, p.127).

Na referente Fotografia 2 apresenta-se um fragmento da Praça João Lisboa de 1972.

Fotografia 2 - Abrigo da Praça João Lisboa – 1972



Fonte: Jornal O Imparcial (2018).

A Fotografia 2 tem em seu primeiro plano o Abrigo da Praça João Lisboa, no Centro Histórico de São Luís. Foi fundado em 30 de julho de 1952 e inicialmente funcionou como estação de embarque e desembarque de passageiros dos bondes. Por lá frequentou diariamente "Rei dos Homens", "Boquinha", entre ilustres como Ribamar Bogéa, fundador do Jornal Pequeno. Foi reconhecido pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) como parte integrante do Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade e de Utilidade Pública, conforme a Lei Municipal nº 4.098 de 30 de outubro de 2002.

A fotografia tem caráter documental que possui [...] “diferentes aspectos da vida passada de um país que são importante para estudos históricos concernentes às mais diversas áreas do conhecimento”. (Kossoy, 1989, p.35). Lembrando que ela “mostra apenas um fragmento da realidade, um e só um quadro da realidade: um aspecto determinado.” (KOSSOY, 1989, p.72).

A Avenida Beira Mar em 1972 é retratada na Fotografia 3.

Fotografia 3 - Avenida Beira Mar – 1972



Fonte: Jornal O Imparcial (2018).

Esta fotografia exhibe a vista do alto da Avenida Beira-Mar em 1972, antes do atual nome, era conhecida como Praia do Poço, Cais da Sagração, Magalhães de Almeida, 05 de Julho e Praia do Acaju. Em maio de 1953, a Lei Municipal nº 389 atribuiu ao local o nome do ex-prefeito de São Luís, Jaime Tavares. Engenheiro, Dr Jaime Tavares foi prefeito da capital no período de construção da Avenida.

De acordo com Kossoy (1989, p.35): as [...] “fontes fotográficas, tomadas como objeto de um prévio exame técnico-iconográfico e interpretativo, prestam-se definitivamente para a recuperação das informações.”. Desta maneira a fotografia é uma fonte de informação, auxiliando tarefas de pesquisa e ensino.

Mais um fragmento da memória de São Luís – Maranhão, a Rede Ferroviária Federal (RFFSA) ou Estação João Pessoa, Fotografia 4.

Fotografia 4 - Rede Ferroviária Federal (RFFSA) – Estação João Pessoa – 1974



Fonte: Jornal O Imparcial (2018).

Nesta imagem observa-se um dos prédios mais bonitos do Centro Histórico de São Luís que por décadas abrigou a antiga Rede Ferroviária Federal (RFFSA) – Estação João Pessoa. É um dos primeiros prédios a ser vistos quando se chega ao Centro Histórico de São Luís. Tem uma arquitetura interessante e ocupa um lugar privilegiado, próximo da Praça Maria Aragão e em um ponto central do Anel Viário e de frente para o Rio Anil. A Estação João Pessoa foi inaugurada em 1929 e nos últimos anos abrigou vários órgãos ligados à Secretaria de Segurança Pública (SSP-MA), entre eles várias delegacias. O prédio da RFFSA foi extinto em 2007.

Kosoy (2001, p.130) complementa dizendo que a imagem fotográfica é um “[...] precioso documento, que preserva a memória histórica.”. A História recente da humanidade está diretamente ligada à fotografia no que tange a comprovação da veracidade dos fatos ocorridos. Com o advento da fotografia, os acontecimentos puderam ser capturados no exato momento em

que ocorriam, sem que houvesse, necessariamente, a intervenção do narrador, no caso da transmissão oral, do pintor ou escritor, através da arte e do registro escrito, respectivamente.

Outro marco da cidade de São Luís – Maranhão, o Hotel Central, que se faz presente na memória da população (Fotografia 5).

Fotografia 5 - Hotel Central – 1975



Fonte: Jornal O Imparcial (2018).

O Hotel Central localizado entre as Praças Pedro II e Benedito Leite e a Rua de Nazaré no Centro Histórico de São Luís, abrangia uma parcela dos cômodos do Palácio do Comércio – imóvel de domínio da Associação Comercial do Maranhão (ACM) – é um símbolo da evolução no serviço hoteleiro do Maranhão. Funcionou até o ano de 1990, na ocasião em que encerrou as suas atividades. Apesar de hoje estar um pouco depredado o local mantém-se conservado, no entanto nem de longe lembra os tempos de esplendor e glamour vividos nos salões, bares e restaurantes do hotel nos anos 1950, 1960 e 1970.

Samain (1998) nos fala que a significação de uma imagem permanece em grande arte, tributária da experiência e do saber que a pessoa que a contempla adquiriu anteriormente. Nesse tocante, a imagem visual não é uma simples representação da “realidade”, e sim um sistema simbólico.

Por mais abstrata que pareça, a fotografia é sempre imagem de alguma coisa, além de que, tudo que se vê parece estar ao alcance, pelo menos, diante do olhar de quem vê.

No Bairro da Areinha a vista da Praia da Areinha em 1975 (Fotografia 6).

Fotografia 6 - Praia da Areinha – 1975



Fonte: Jornal O Imparcial (2018).

Areinha é um bairro da cidade de São Luís. Está localizado próximo ao Centro da cidade. Contabiliza 44 anos de existência e tudo começou na época da construção da Ponte Bandeira Tribuzzi em meados dos anos de 1972. Os moradores da Camboa foram remanejados para o loteamento da Areinha, da União de Moradores do Bairro da Areinha (UMBA) e então surgiu o bairro. Uma de suas principais avenidas, que dá acesso à Avenida dos Africanos é corredor diário de transporte, tendo ao longo de sua extensão comércios de todo o tipo. Nos últimos 20 anos, os moradores passaram a conviver com ilustres vizinhos, órgãos da Justiça Federal, Justiça Eleitoral, Justiça do Trabalho, Tribunal de Contas da União, mas nem assim dificuldades estruturais foram superadas. Também a realização dos desfiles da Semana da Pátria. O Bairro possui uma emissora de rádio e tv: Rádio e TV São Luís. (Blog Edvânia Jornalista, 2010).

Na Praça Deodoro encontra-se o Busto de Maria Firmina dos Reis (Fotografia 7).

Fotografia 7 – Busto de Maria Firmina dos Reis na Praça Deodoro – 1976



Fonte: Jornal O Imparcial (2018).

Na Fotografia 7 o Busto de Maria Firmina dos Reis na Praça Deodoro em 1976. Maria Firmina dos Reis foi a primeira poetisa maranhense e primeira romancista brasileira e nasceu na cidade de Guimarães – MA no dia 11 de outubro de 1825. Era filha bastarda e mestiça (branco com preto). Aos 22 anos, prestou concurso público para professora, onde passou a colaborar na imprensa local com poesias e contos. Fez da literatura um instrumento de denúncia da escravidão, mostrando o quanto sua existência era contraditória com a fé cristã professada pela sociedade. Procurou ressaltar a superioridade moral do negro que conseguia preservar sua humanidade e sentimentos elevados ainda que na condição degradante de escravo. Em 1859 publicou *Úrsula*, primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, primeiro escrito por uma mulher no Brasil e também o primeiro da literatura afro-brasileira, entendida como produção de autoria afrodescendente, que tematiza a negritude a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar à condição do negro em nosso país. Celibatária e pobre adotou várias crianças e teve inúmeros afilhados. Morreu em 11 de novembro de 1917 aos 92 anos de idade, onde nasceu: Guimarães, na casa de uma amiga ex-escrava.

Na Beira Mar, a Rampa Campos Melo é retratada na Fotografia 8.

Fotografia 8 – Rampa Campos Melo – 1984



Fonte: Jornal O Imparcial (2018).

A Fotografia 8 retrata a Rampa Campos Melo em 1984. Na época tudo que era comercializado na Ilha vinha, ou ia, através do transporte aquático e devido ao crescimento do comércio local a frequência de embarcações no principal porto da cidade de São Luís aumentou, gerando uma necessidade de se construir uma infraestrutura para melhor atender a nova demanda. Esta infraestrutura incluía aterros e construções de rampas, entre elas a Rampa Campos Melo, que, ainda hoje, tem sua importância, principalmente, no embarque e desembarque de pessoas do interior do Estado ou de turistas que vêm conhecer a cidade e suas histórias e que desejam também conhecer a cidade de Alcântara.

Na Fotografia 9, retrata-se o Palácio Cristo Rei.

Fotografia 9 – Palácio Cristo Rei – 1986



Fonte: Jornal O Imparcial (2018).

O Palácio Cristo Rei, sede da Reitoria da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), um marco da arquitetura colonial de São Luís, foi construído em 1877. Seus primeiros proprietários pertenciam a uma tradicional família maranhense que, mais tarde, o doaram para o Clero, transformando-se na primeira sede da Diocese da capital maranhense, abrigando mais tarde a antiga Faculdade de Filosofia. Apesar de ter parte de sua estrutura destruída por um incêndio, em 1991, o Palácio Cristo Rei foi totalmente recuperado, sendo hoje um símbolo da antiga arquitetura maranhense.

A fotografia se tornou importante ao longo dos anos, ganhando espaço no cotidiano das pessoas, ganhando caráter documental e de fonte de informação. Freund (apud GURAN, 1999, p.105) enfatiza a importância da fotografia para o homem, falando que ela muda a visão das massas. Até então, o homem comum só podia visualizar os acontecimentos que ocorriam a sua volta, na sua rua, na sua cidade e com a fotografia se abre uma janela para o mundo.

7 CONCLUSÃO

A fotografia é uma importante fonte de informação por registrar e mostrar de maneira geral um determinado assunto, objeto ou situação. Visto que a fotografia é a ilustração do real utilizada como prova material de tal realidade, cumpre a crença de que “é preciso ver para crer”. Com base nessa afirmação, buscou-se neste trabalho refletir sobre a importância histórica da imagem fotográfica como fonte de informação.

Este trabalho foi realizado com o objetivo geral de apresentar a importância das fotografias como fontes de informação histórica, a partir de um estudo do acervo fotográfico do jornal O Imparcial e os objetivos específicos constituíram-se de:

- a) apresentar conceitos e história da fotografia e sua abordagem na área da Ciência da Informação e da Biblioteconomia;
- b) descrever a imagem fotográfica como fontes de informação e o seu papel no registro da memória coletiva;
- c) apresentar um recorte da memória da sociedade ludovicense a partir de fotografias disponíveis no jornal O Imparcial.

A partir da pesquisa sobre a fotografia como fontes de informação, constatou-se a importância do tema, tendo em vista que a memória é fundamental para a compreensão da identidade e da história. Neste sentido, discutiu-se a fotografia, pois ela serve como meio de restaurar a memória e transmitir uma informação, tanto individual como de grupos sociais.

No decorrer desta investigação foi feito o levantamento de obras consultadas acerca dos temas e tópicos que norteiam a pesquisa. O assunto, a fotografia como fontes de informação, foi delimitada por meio de autores da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação e de autores de diversas áreas do conhecimento ligados à imagem e à fotografia.

Apresentou-se um breve histórico sobre a fotografia, mostrando sua origem e história. Também foi mostrado o conceito de fotografia, imagens, fontes de informação, fotojornalismo de acordo com a proposta do trabalho, para melhor relacionar os mesmos com a proposta apresentada.

Foram analisadas as fotografias do acervo do jornal O Imparcial de São Luís, Maranhão, com base nas que foram publicadas na coluna Retrato da História. O propósito da análise destas imagens foi o de mostrar como a fotografia pode ser fonte disseminadora de informação, uma possibilidade aberta para a reconstrução de memórias e histórias e formadora de conhecimento na sociedade.

Por esse motivo, considera-se que a elaboração desta pesquisa, se revelou uma experiência gratificante, por permitir desenvolver conhecimentos tanto teóricos como práticos, adquiridos ao longo do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão de uma forma pudesse uma linha de raciocínio lógica para atingir a proposta do trabalho.

Por fim, este trabalho foi realizado com a finalidade de complementar as informações literárias acerca dos documentos fotográficos na área da Ciência da Informação. Com a pesquisa realizada conclui-se que a fotografia é uma importante fonte de informação e pode ser manuseada em diferentes setores do conhecimento.

Espera-se que os bibliotecários e demais profissionais da informação desfrutem do teor deste trabalho no seu cotidiano e compreendam que a fotografia além de ser uma fonte de informação também serve de incentivo para ser utilizada em pesquisas ou qualquer outra atividade e tem a intenção de servir como ferramenta para a construção de novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, P. Pesquisa em ciências sociais. In: HIRANO, Sedi (Org.). **Pesquisa social: projeto e planejamento**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. p.19-87.
- ABREU, Leandro Pimentel. **O auto-retrato como espetáculo e controle na contemporaneidade**. 2005. 123 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- AGNER, Luiz. **Ergodesign e arquitetura da informação: trabalhando com o usuário**. Rio de Janeiro: Quarted, 2009.
- AGUIAR, Katia Fonseca. **Fotografia digital: hibridações e fronteiras**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.p>>. Acesso em: 19 de nov.2006.
- ALEGRE, Maria Sylvia Porto. Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual. In: LEITE, Miriam L. Moreira; FELDMAN-BIANCO, Bela. (Org.). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2006. p.75-112.
- AMAR, Pierre-Jean. **História da fotografia**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- ARRUDA, Susana Margaret de. **Glossário de biblioteconomia e ciências afins**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.
- BARROS, A. J. da S.; LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. **Pequena história da fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERNARDO, Wanderley Marques; NOBRE, Moacyr Roberto Cuce; JATENE, Fábio Biscegli. A prática clínica baseada em evidências. Parte II: buscando as evidências em fontes de informação. **Revista da Associação Médica Brasileira**. São Paulo, v. 50, n. 1, p. 104-108, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ramb/v50n1/a45v50n1.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2009.
- BOCCATO, Vera Regina Casari; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. **Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação**, Lisboa, n. 2, p. 84-100, 2006.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BORGES, Raimundo. Azoubel: um fotógrafo e sua época no jornalismo. **O Imparcial**, São Luís, 1º maio de 2001. Caderno Opinião, p.6.
- BRIET, S. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951. 48p. Disponível em:

<<http://martinetl.free.fr/suzannebriet/questcequeladocumentation>>. Acesso em: 7 maio 2017.

BRIGIDI, Fabiana Hennies. **Fotografia**: uma fonte de informação. 2009. 71 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BUCKLAND, Michael. What is a « document »? **Journal of the American Society of Information Science**. Berkeley, v. 48, n.9, p.804-809, 1997. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/whatdoc.html>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Organizações como fonte de informação. In.: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

CANTO, Cristine de Bem. **Realidades construídas**: estudo da imagem fotográfica: documento do real e representação de ficção. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, São Paulo: USP, 2003.

CONWAY, Paul. **Preservação no universo digital**. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 2001. 34p.

DAVENPORT, Thomas H. **Ecologia da informação**. São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. **Fontes de informação**: um manual para cursos de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação. São Carlos: UFSCAR, 2005.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 1993. 362 p.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. **Carema**. Disponível em <http://www.estacoesferroviarias.com.br/ma-pi/carema.htm>. Acesso em 10 de jan. 2016.

FELZ, Jorge Carlos. **A Fotografia**: Desenvolvimento tecnológico e banalização da imagem. Disponível em: <http://www.uab.ufjf.br/mod/resource/view.php?id=187966&subdir=/Unidade_1_-_imagem_e_tecnica_>. Acesso em: 9 maio 2011.

FERNANDES JUNIOR, Rubens; LAGO, Pedro Corrêa do. **O Século XX na fotografia brasileira**: coleção Pedro Corrêa do Lago. [Rio de Janeiro]: Livraria Francisco Alves, [2000].

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Miguel. **Introdução à preservação digital**: conceitos, estratégias e atuais consensos. Guimarães: Universidade do Minho, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUINCHAT, Claire; MENO, Michel. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2. ed. rev. aum. Brasília, DF: Ibict: CNPq, 1994. 540 p.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999. 120 p.

HALLIDAY, David; WALKER, Jearl. Imagens. In: _____. **Fundamentos de física 4: Óptica e Física Moderna**. Rio de Janeiro: LTC, 2009. p. 39-76.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/439/397>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

JORGE, Sebastião. **Os primeiros passos da imprensa no Maranhão**. São Luís: Edit. UFMA, 1987.

KÁTIA, Edvânia. A história dos bairros de São Luís. **Blog jornalista Edvânia**. São Luís, 1 nov. 2010. Disponível em <https://jornalistaedvania.blogspot.com/2010/11/historia-dos-bairros-de-sao-luis.html>. Acesso em: 23 jun. 2015.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **A fotografia como fonte histórica: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado**. São Paulo: Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia, 1989.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**. São Paulo: Ateliê, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. **Enciclopédia Einauld**. Memória – História. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, p. 95 – 106.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Cláudia Albuquerque de; SILVA, Nerivanha Maria Bezerra da. **Representações em imagens equivalentes**. São Paulo: B4 Editores, 2012. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-claudia-imagens-equivalentes.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2017.

LIMA, Ivan. **A fotografia e sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

MADIO, Telma Campanha de Carvalho; FUJITA, Mariângela Spotti. Importância da gênese documental para identificação de acervos fotográficos. **Revista de Sistema de Información y Documentación**. Zaragoza: 2008, v. 2. p. 251-261.

MANINI, Miriam Paula. Análise documentária de imagens. **Informação & Sociedade: estudos**. João Pessoa, v. 11, n. 1, 2001, p. 128-135.

MANINI, Miriam Paula. A fotografia como registro e como documento de arquivo. In: MANINI, M. P.; MARQUES, O. G.; MUNIZ, N. C. (Org). **Imagem, memória e informação**. Brasília, DF: Ícone Editora e Gráfica, 2010. p. 11 – 31.

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. 2002. 231f. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARCONDES, Marli. Conservação e preservação de coleções fotográficas. **Histórica**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-13, abr. 2005. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/historica/edicoes_anteriores/pdfs/historica01.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2014.

MARTINE, Joly. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papyrus, 1996.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história: possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Org.). **A leitura de imagens na pesquisa social**: história, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In.: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p.21.

MUSTARDO, Peter; KENNEDY, Nora. **Preservação de fotografias**: métodos básicos de salvar suas coleções. 2. ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001.

OLIVEIRA, Erivam Morais. **Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital**. Disponível em < <http://www.bocc.uff.br/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2017.

PAVÃO, Luís. **Conservação de coleções de fotografia**. Lisboa: Sinalivro, 1997.

PEIXOTO, Daiane Lopez. **Os acervos fotográficos e sua organização**: uma análise. In: _____. Trabalho de conclusão dos alunos do curso de Biblioteconomia: 2006/1. [recurso eletrônico]. 2006.

PINTO, Pâmela Araújo. Jornal O Imparcial: o embrião do fotojornalismo maranhense. **Jornal O Imparcial**. São Luís: [s.n], 2007.p.4-6.

QUINTAS, António et al. **Manual de fotografia digital**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2008. 45 p.

- REGISTRO, Tânia Cristina. **O arranjo de fotografias em unidades de informação: fundamentos teóricos e aplicações práticas a partir do Fundo José Pedro Miranda do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto**. 2005. 187f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.
- RIBEIRO, Milton R. M. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 3. ed. 2002. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, DF: IPEA, 1998.
- RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10760/16201>>. Acesso em 1 nov. 2011.
- ROSE, Carla. **Aprenda em 14 dias fotografia digital**. Rio de Janeiro: Campus. 1998.
- SALGADO, Sebastião. **Da minha terra à terra**. São Paulo: Paralela, 2014.
- SAMAIN, Etienne. Questões heurísticas em torno do uso das imagens nas Ciências Sociais. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Mirian L. Moreira (Org.). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papyrus, 1998.
- SANZ, Cláudia Linhares. **Perspectivas do ato fotográfico: uma revisão bibliográfica**. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001. 22 p.
- SÉRGIO, Célio. **História de O Imparcial**. São Luís, Jornal O Imparcial, 13 nov. 2018. Informação verbal concedida à autora.
- SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. e atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121 p.
- SIN, Michel Téó. **História da fotografia: a câmara escura**. 2006. Disponível em <<http://www.michelteosin.com.br/blog/?p=18>>. Acesso em: 5 nov. 2017.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SOUZA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo performativo: o serviço de fotonotícia da Agência Lusa de Informação**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1998.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Alhazen**. Paraíba: EDUFCG, 2012. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/Alhazen0.html>>. Acesso em: 13 nov. 2017.
- VASQUEZ, Pedro Karp. História da fotografia: uma introdução. In: _____. **Curso: fotografia documental**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2000.

VILLASENÑOR RODRIGUES, Isabel. Los instrumentos para la recuperación de la información: las fuentes. In: TORRES RAMIREZ, Isabel de. (Org). **Las fuentes de informaciones**: estudios teórico-prácticos. Madrid: Síntesis, 1998. p. 29-42.